



ALBAMA

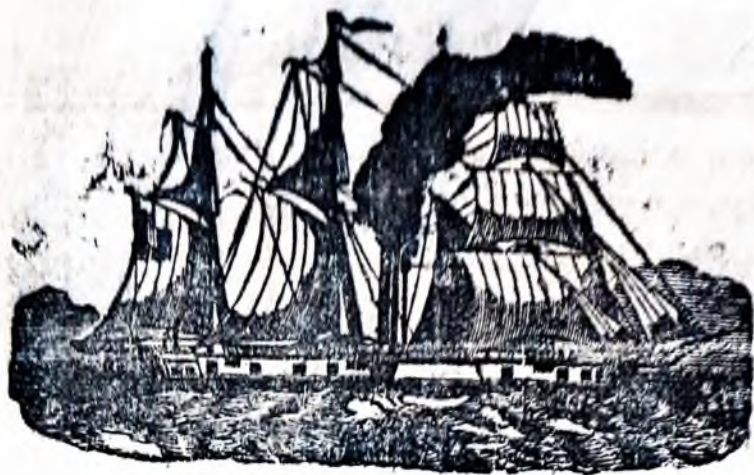
O

1863

—

1864

L. G. H. B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.<sup>a</sup>

BAHIA 1.<sup>o</sup> DE MARÇO DE 1864.

N.<sup>o</sup> 27

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de feveireiro de 1864.

Officio ao Exm. commandante das armas, para que faça ir á sua presença o commandante da companhia de invalidos, e passe a indagar si o soldado Antonio Ignacio é dispensado do serviço todos os dias, ou si é encarregado de alguma commissão na Estrada de Ferro, porque é encontrado alli constantemente, em uma hora dada. Cumprindo que V.Ex. para que não fique mareada a honra desse militar o faça justificar-se da grave imputação que lhe fazem os maldizentes de ser aquelle soldado (proeminente vulto na companhia do Olho-Vivo) dispensado com interesse pecuniario de alguém; o que de maneira nenhuma acreditamos, e antes nos inclinamos a crêr que a extraordinarissisima bondade de coração do referido official é a

causa de ser o dito soldado dispensado, embora soffram seus companheiros.

—Ao Sr. Dr. delegado, informando-lhe que a companhia do Olho-Vivo está fazendo proezas na freguezia do Pilar.

Ha adiante do forte da Lagartixa uma venda de um homem de nome Erminio que é o ponto da reunião e o theatro das façanhas dessa terrivel companhia.

Scientes das horas da chegada dos trens da Estrada de Ferro, sahem alguns, vão a Estação. e procuram relacionar-se com os passageiros, indagam a que negocio vem, si vem comprar carne, fazendas &c. e offerem-se para leval-os mediante uma pequena commissão a um lugar onde acharão destes generos por dous terços do seu valor, visto que o dono obteve-os sem pagar direitos, porque desembarcoti-os por contrabando, que semelhantes generos acham-se depositados em uma parte perto poupando ao comprador até o trabalho de vir até a cidade, o com o pretexto de examinar se-

melhores generos levam o innocente a tal venda onde já os esperam os socios que deixam a victima de algibeiras vasias mal-dizendo seu mau fado.

Convém por tanto que S. S., justiceiro como é, mande já e já fechar aquella venda, uma vez que já mandou fechar um botiquim na rua das Flores por egual motivo.

#### REQUERIMENTO DESPACHADO.

José Venancio do Rapé, pedindo para a sua loja o titulo de assemblea dos veteranos.—Informe o Beira-mar.

—Gageiro de prôa que bixo preto é aquelle, com honras de mulher, de saia e chapeu à Traviata que entrou alli no armazem do Santos Moreira?

—É um frade do Carmo, capitão.

—O navio até lá, para mandar-lhe cuspir na cara, pois tenho nojo daquella gente.

—Capitão, fallou ha pouco do nesso vaso.

—É honra para nós; cuspa-lhe na cara gageiro, e arribe, antes que contamine o navio.

—Gallego, queres metter o cacete no Alabama? Sabes com quem estás fallando?

—Sim, Exm. Si alguma cousa disse, de tal não me lembro.

—Pois não estavas na quinta feira, á noite, a fallar de mim no Taboão?

—Pois capitão, B. Ex. não save que depois das onze não se tracta negocio com inglezes? Comigo é depois da janta.

—E jantas ás dez horas da noite?

—Eu acabava de ceari; boltava d'uma taberna, que ás nove se fechara!

—Muxingueiro, cem vergalhadas neste patife!

—Capitão, os vevados não tem imputação!

—Muxingueiro, fogo na besta!

—Que fazem aquelles soldados de policia alli no Torreiro, expostos ao sol durante o dia?

—Estão alli de sentinella para que não desabo aquella casa arruinada.

—Pois a presença dos soldados é que impede a casa de desabar?

—Não senhor, estão alli para não deixar ninguém passar por baixo da ratoeira.

—Então não devia ser somente de dia, que todos tem olhos para ver o perigo, tambem á noite devia haver, principalmente nos sabbados e domingos que passa tanta gente de madrugada para a missa em S. Francisco.

—Sim senhor, é tanto de dia como de noite, a nossa policia nestes casos é muito providente.

—Mas eu passei por alli no sabbado de madrugada e não vi lá ninguém.

—Tudo isto é nada. O mais é o que V. Ex. não sabe. Os soldados ficam n'uma extremidade da rua e descuidam-se de observar quem vem, succedendo que as vezes já a pessoa está fora do perigo quando é vista por elles. Então intimam que não ha ordem para passar por alli, e isto é acompanhado de insultos, ameaças e até pancadas, como fizeram no domingo com uma pobre preta que vende carne, a qual além de apanhar atiraram-lhe com a gamella ao chão, ficando com a sua venda prejudicada. Dahi a pouco passavam duas mulheres, uma até casada, e uma criança, foram brutalmente agarradas e á tombos levadas presas e como taes mandadas tomar fresco na Correção.

—Estou bem certo que as authoridades não sabem destes factos, sinão teriam dado providencias.

—Mané-Bahia que grupo é aquelle de homens e mulheres que alli está pelo adro

—A Sé, uns deitados, outros em pé, a incommodar a quem tranquillo dorme?

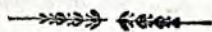
—É a gente do *Mocoto* á meia noite. Aquelle que está garganteando como um arroto, deitado no logado com aquella mulher das Portas do Carmo é um fiscalinho de *Macedonia*. Aquelle que agora atira um tijollo n'um pobre preto que por alli passa, é o Lino, moço socgado, e si assim faz é porque *não está so*.

—Mas o Sr. subdelegado da Sé para que consente tão incommodo ajuntamento, com esta infernal algazarra, com estas scenas horrões e obscenas?

—O que ha de fazer o subdelegado apesar do seu reconhecido zelo e energia si lhe faltam os recursos? Tem duas patrulhas para essa extensa e populosa freguezia, e por isso não quer se expor a ser vilipendiado, uo que lhe acho razão

—Porém o Sr. subdelegado devia expor isto mesmo ao chefe de policia e reclamar providencias afim de acabar com essas badernadas.

Muita falta fazem o Dr. Freitas Henriques e o alferes Fernandes.



—Immediato?

—Prompto, capitão.

—Conheces o cabrinha poeta?

—Será Sr. capitão, o caixeiro de uma casa na rua de S. Francisco de Paula?

—Tal qual, traga-me este tratante, que quero ajustar contas com elle.

Eil-o, capitão.

—Venha cá, Sr. patife!

Quantas libras de sebo já botaste hoje na cabeça?

—Sr. capitão, por ora só duas libras, por que já é bastante para espichar os carapichos.

—Bem! Dize-me, tens animo de querer ser rei dessa rua?

—Oh Sr. capitão, pois si alli não me

escapa nada, ainda mesmo sem cerimonia das familias que por alli ha?

—É achas bom este teu proceder? Com esta cara tão lavada tens animo de afirmar em minha presença, que todas as negras.....

—Oh! Sr. capitão quem confessa sua verdade não merece castigo.

—Bem, vou dar-te o destino que mereces.

O' muxingueiro! Leve este tratantesinho lá para o porão e dê-lhe por minha conta cincoenta boas calabrotadas por dia até a minha segunda ordem.

—Oh! Sr. capitão! por quem é eu lhe peço perdão por esta vez, promettendo-lhe emendar-me.

—Conduze-o muxingueiro. Não posso perdoar-te, patife, pois és muito bandalho, e para que não continues, quero fazer-te soffrer o menor dos castigos que dou a todos os insolentes como tu.



—Exma. Sra. D. Rosa, V. Ex. não é a sogra do Sr. Joaquim Correia Garcia.

—Sim, Sr.

—Pois peço-lhe um favor. V. Ex. tem um moleque de nome Felisberto que anda por Itapagipe, atrevido no ultimo grau.

—Mas que faz elle?

—O que faz!.... perdoe-me V. Ex., não lhe digo. Mas é tão patife o moleque, que acabando de fallaa innumeradas palavras, e sendo advertido por um companheiro, em attenção as pessoas que presentes estavam ousou dizer....

—O que, Sr.?

—.... que ninguem via, que quem estava á janella bem sabia e até fazia o que elle dizia!...

—Não é possível; pois um moleque que eu criei!...



LA VAE VERSO,  
DIALOGO.

—Naninha, eu sou rapaz serio,  
Vossê se aprompte bem cedo  
Que eu estou alli defron te;  
Ou acaso terá medo?

« Casusa vossê não sabe  
Que ao Bispo se nos conhece?  
E que ha gente nas janellas  
Até que o dia amanhece?

—Escute Vossê, Naninha,  
O que se ha de fazer;  
Vista-se toda de homem,  
Saia logo ao escurecer.

« Oh! chente! vossê está doudo,  
Este conselho não quero,  
Logo sabe o mundo inteiro  
Té que sabe o mano Antero.

—Seu mano não está na terra  
(Dizia a ella o tratante)  
Sinão ha quem faça a guerra,  
Vossê safá-se n'um instante.

« *Safado*, fearei eu  
Isto é, si lhe ouvir,  
Me tornarei desgraçada  
Si nesse erro cahir.

—Naninha, olhe que eu já tenho  
Casa na rua da Lama;  
« Peior, vossê o que quer,  
É que eu saia no *Alabama*!

A' PEDIDO.

Sr. Alipio, o que tem Vm. que a patrulha não faça a sua obrigação? Pois não queria que dispersasse um grupo de mais de 30 pessoas, que alta noite pelas ruas incommodava o socego publico? Para que queria o Sr. sa-

ber á ordem de quem assim praticava?

O Espião.

—mas tem—

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para um certo pinto. verdadeiro gallo de campina nessa freguezia, principalmente em casa das moças honestas,

AO PUBLICO.

Os abaixo assignados não descem a responder ao *Mohican* nas allusões torpes que lhes atira; vem somente dizer ao publico que é falsa e falsissima a imputação que se lhes faz de terem recebido dinheiro de quem quer que seja para a compra da pequena typographia que possuem.

O publico sabe bem que nem todos recebem 30\$ rs. para assignar responsabilidade de certos artigos, nem se prestam a teste de ferro do *Interesse Publico* durante os mezes de junho a dezembro; o publico sabe bem distinguir entre os miseraveis que se alagam para descompor pessoas que nem delles caso fazem—e aquelles que os compram a dinheiro de contado: o publico sabe bem, e a lei até o diz e recommenda, que bebados não tem imputação.

Mais poderiam os abaixo assignados dizer, julgam porém ter dito tudo, dizendo que nunca foi injuria ser avaliado pelo caracter de quem julga, tanto mais quando nunca assoldadaram elles sua consciencia pela miseravel quantie de 100\$ rs., consentindo que na sua presença se esbandalhasse a forma do *Pirata Terrestre*, cuja não publicação se acabava de comprar.

E é quanto basta.

Marques, Aristides e C.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia n.º 17.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.<sup>a</sup>

BAHIA 3 DE MARÇO DE 1864.

N.º 28

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 2 de março de 1864

Officio á camara municipal, pedindo providencias sobre um sobrado á Cruz do Paschoal que se acha em vespervas de desabar, e cujas partes vão voando, todos os invernos, pela môtanha do Pilar, afim de que se não repita o lastimoso caso do dia 8 do passado.

—A' mesma, no mesmo sentido, sobre a parede do gazometro, que fica do lado do mar, e que se acha bastante rachada, ficando efficiente de que no caso de algum desastre ficará a mesma responsabilisada perante o publico.

—Ao Sr. subdelegado de San

Anna, chamando a sua attenção para certos capadocios que se ajuntam no adro da egreja matriz a apuparem e insultarem as pessoas que por alli passam.

Portaria. Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá a loja de massas, que ha pouco se abriu na rua Direita do Collegio, e faça pagar a multa respectiva ao caixeiro da mesma, que não tendo em casa despejo, costuma atirar á rua certos embrulhos de papel. O que cumpra.

—Ao procurador das lentilhas, para dizer si concluiu aquelle negocio que o obrigou a entrar para uma sociedade maç.: Sic illa ad arcam reversa est. O que cumpra.

—Ao mesmo para contar a his-

2  
ALABAMA.  
toria de certa viuva sua *confidida*, a quem desgraçou. O que cumpra.

—Ao guarda marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a rua da Poeira, e veja a parda escura Gertrudes para intimar-lhe que não continue a ofender a moralidade publica sob pena de ser admittida no batalhão da Matta-cobra com o posto de balisa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á loja d'um *Assa-vil*, á Santa Barbara, onde se reúnem innumeradas crioulas e pardas, e pergunte-lhe o que significa esse grupo, pois me informam que grandes escandalos tem alli logar. O que cumpra.

—Guarda-marinha!

—Prompto, capitão.

—Vá de novo á Baixa dos Sapateiros, ás 6 horas da tarde, e traga-me pelo nariz o celeberrimo idiota Mendes Pagode, e si não o encontrar ahi, vá ao Café Americano que é o lugar aonde esse desfructavel se dá a petisco, e pergunte-lhe si não se lembra que já sahio uma vez no *Alabama*, e que por condescendencia a um amigo seu, não soffreu o castigo imposto pelo capitão?

Si desta vez porém não se corrigir, tem de passar pelo dissabor de perder o padrinho, tomar 6 duzias de bollos, e sahír debaixo de fiauç e pedradas dos moleques.

—Machado, que namoro é este?

—Aqui os vizinhos são de paz.

—E como me denunciaram que vossé não deixa a pobre moça daquella casa de grade, alli na esquina?

—Que esquina!

—Como é quanto! Pois vossé não se lembra que está em Roma, que leve *bagagem*?

—Ah! sim, sim, am, am, am!

—Vou deixá-lo dito, já que os *morados* res não gostam.

—Pois quem ha de crer que esses *homens* da justiça são os primeiros a fazer *traficancias*?

—O que ha de novo, Mané Bahia?

—Contaram-me que um sujeito a quem chamam *Vapor* contrahiu um debito de 55\$ rs. O credor que não era homem de graças, moveu execucao e fez penhora na mobilia. Um moço compassivo assignou um deposito e responsabilizou-se pelo dito.

*Vapor* logo que viu serenar a tempestade accendeu as caldeiras e poz-se ao largo, ficando o moço obrigado pela quantia, entrando logo com 25\$ por uma convenção que fez. D'ahi a uns dous mezes, depositou em mão de certo *escrivão* os 30\$ restantes para este entregar ao credor quando fosse conveniente, e descançou. Passado um anno é de novo o fiador incommodado pelo credor, que estava ainda no desembolço. Vae ao *escrivão*, e este sem a menor cerimonia declara que não entregou o dinheiro porque tinha gasto, mas que o entregaria u'aquelles tres dias, e já lá se vão 3 mezes e nada.

—Mas si está na mão do *escrivão*, está seguro.

—Tão seguro que não se pode gastar.

—Padre, pois vossé recebeu cinco mil réis por um casamento *in articulo mortis*?

—São cousas, capitão; eu esqueci-me!

—Pois um vigario, um conego!...

Depois queixe-se deste e daquelle, e do *Santo Antonio* que lhe enganou!

— Guarda-maquilha!

— Prompto, Sr. capitão.

— Chame aquelle muzico que toca trou-  
bone de vara e pergunte-lhes si paga os cinco mil e tanto reis que pedio emprestado ha mais de 14 mezes e uma conta de sapatos que comprou a um logista de couros a Cidade Baixa, e diga-lhe que si até sabbado não pagar o chamarei pelo o nome para todos o conhecerem.

— Que diabo de gala-gala é aquella?

— É a mãe do commandante do *Mocca* com tres burros ás voltas.

(Continuação do n.º 21.)

— Gallego, e não tem havido sentenças a favor do homem?

— Que duvida! apesar dos enredos e caminias, tres pelo menos, a crime principalmente em que o integro Dr. Bahia, apesar dos fortes empenhos deu duas a seu favor, confirmadas por accordam da relação.

— Ah! sim! E tu então trataste de gastar o que te não custou a ganhar! mandaste entregar o accordam e deste o jeito, patifão!

— Justamente, e fui a um frade ladrão, vencedor de demandas, que dizem que muito roubou ao convento do Carmo, e contei-lhe a *cousa*, assegurando-lhe dous continhos de réis: foi no dia 18 de fevereiro de 1860; queria ver a bomba no dia seguinte.

— E foste com o fradeco á casa de certo desembargador que morava no *papagaio das areias*, sendo a primeira vez que foste em carro que outr'ora puchavas.

— E por signal que custou-me 20\$ rs. Reparti alli os *documentos* que levavamos e partimos para o Campo Grande.

— Mas elles nada podendo fazer, annul-

aram o feito, deixando ao pobre homem o direito salvo de intentar nova acção!

— Toda tem consciencia!

— E o homem propoz nova acção pela vara do juiz Daniel.

— Chamando a esta bruxa ladra á conciliação, pedindo a effectiva venda da escrava Angelica e seus dous fillos, ou a indemnisação do que tinha despendido com o pleito contra Julio José de Souza, authorizado por ella. pouco mais ou menos 2:983,59 0 e seus premios de 1.º de agosto de 1855 em diante.

— Mas me não faz conta acceder a tal pedido; tanto que lá não fui.

— Porque és um refinado ladrão, que fazes trincheira do nome dessa pobre peste. Não obstante obtive o homem primeira e segunda sentença a seu favor, de que appareste para a relação, tomando nova taboas, refinado ladrão. Embargaste; e sem o menor documento que podesse fazer prova contra o julgado por duas sentenças e um accordam, foram recebidos os embargos!

— Bem vê V. Ex. que não tem caso, dizendo que não havia documentos; *documentos* tinha-os e tenho-os eu; documentos que alrem a vista.

Sr. capitão, cego é quem não vê por uma peneira.

— Tratante! E dizem certos senadores que votariam pela morte do ex-ministro Sinimbú.

Enforcados deveriam ser certos desembargadores, como fez D. Pedro 3.º no Porto com um dellés n'um negocio d'uma viuva desvalida com um fidalgo avarento por motivo d'uma quinta.

Dize-me, o frade é morto ou vivo?

— Já o diabo o levou.

— Como a ti ha de levar.

E o desembargador?

— Tambem, e mandaram adiante o *Seraphico*.



—Rico seraphim foi esperar para receber os Seraphim do inferno, a receber diabolos; trindade respeitavel, um frade, um juiz, um procurador ou meirinho!

—O *Subtil* não os acompanhou?

—Qual, sôr capitão. Este está a mamar-me os cobres; é mesmo uma chaga, uma sarna gallica; devorou-me já um cento e duzentos, assim em ar de *Jeronymo*.

—Sei disso. Queria embarcar os escravos para o Rio de Janeiro, sem passaporte, em companhia do celebre mascavado. Tomaram elles dous esses cobres a 21 de março de 1857, ás 6 1/2 da tarde, quando na prisão já estava a preta a mandado de seu Sr.

—O capitão como sabe d'isto!

—Sei até que se embebedaram todos em Santa Thereza, á custa daquella malvada mulher que se achava de dinheiro no seio, tendo já sido gamados uns 200 bagos para as bebedeiras!

(Continúa).

—Sr. commandante do 8.º, V. S. faz-me o favor de prestar attenção!

—Pois não!

—No dia 28 de fevereiro, á tarde, no soldado que anlava a brigar com umas mulheres no Rio das Tripas, espancou brutalmente com a bayoneta a um homem que ia passando e que se mettu em apazignar a bulha.

Vê V. S. que isto não é muito conveniente.

—Como poderei providenciar?

—Olhe, commandante; era um guarda da guarnição do Barbalho naquelle dia.

Mais faz quem quer do que quem pode.

## LA VAE VERSO.

Quem é que assim vae  
Correndo e cansado?

É Jesus que em busca vae  
Do Moe-gana, apressurado,  
Que sacrilegio, meu Deus!  
Pois Jesus vai a correr  
Pela ladeira do Carmo?  
Quem pode lá n'isto crer?

—Não é Jesus salvador,  
Men bruto, men cabelão;  
É o Jesus alfaiate,  
Das crionlas o capão.

## DECLARAÇÃO.

A Redacção do *Alabama* declara ao Sr. Herminio Pinto Ribeiro de Bulhões que basta sua consciencia para responder a seu annuncio do *Jornal* de 28 do passado, em que o mesmo declara ter certeza de não se intender com elle a portaria á que allude.

## A' PEDIDO.

Um pharmaceutico, conhecido pela grande pratica de seus crimes, es' á prompto a receber o premio do annuncio do *Alabama*, contanto que lhe garantam um casamento rico com pessoa de sua casa.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para o *preguista* Ferreira, que intitula-se a noite inspector e como tal faz prisões e depois solta, em companhia de um capadocio que toca selles, a quem S.S. muito deve ter em vista.

Pacheco.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia n.º 17.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.<sup>a</sup>

BAHIA 5 DE MARÇO DE 1864.

N.º 29

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 4 de março de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que pela via de um de seus membros procure informar-se do estado lastimoso em que se acha a rua de S. Bento á respeito de agoas podres pelo lado esquerdo de quem vae e depois de orientar-se de que procede semelhante escandalo, passe a dar as providencias necessarias.

—Ao Revm. conego Deão, perguntando-lhe, si é por espirito de colleguismo que quando morre algum conego dobra o sino grande da cathedral, ao passo que passando a sagrada imagem de Nossa Senhora na procissão da

via-sacra nos domingos da Quaresma apenas dobra um pequeno sino rachado.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, scientificando-lhe que no domingo 28 do p.p. o guarda Ildefonso em companhia de outros andaram pela cidade baixa a pedir generos pelos armazens, e fugindo sem dar a competente paga, além das desordens que provocava. O que me informam ser costume antigo do referido guarda, que merece a attenção de S. S.

—Ao Revm. conego cura da Sé, perguntando lhe a razão por que tendo essa freguezia um sineiro com o ordenado mensal de 15\$ rs., pagos, segundo me consta, pela irmandade do SS. Sacramento, não ha nas quintas e sextas feiras repiques de sinos

por occasião de celebrar se a missa ao SS. Sacramento, como é de obrigação.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando lhe que a estrangeira Margarida, natural das Canárias, moradora ao Pão-de-ló, surra trez e quatro vezes diariamente a uma pobre menina que em seu poder tem, chegando ás vezes a ser a infeliz soccorrida pelos empregados da typographia do *Diario*, como ha dias aconteceu.

—Ao mesmo chamando a attenção de S. S. para um peralta que dorme de dia, para á noite, munido de uma harmonica e reunido a immensos capadócios, incommodar as familias com o seu infernal instrumento.

—Coronel!

—Prompto, capitão.

—Vm., como chefe da policia secreta, tem de assistir, d'hoje em diante, ás sessões da assembléa provincial para inteirar a casa do que por lá houver.

—Prompto, capitão.

—Agora reparo; mas é que o coronel está sujeito ao capitão!

—Lá isso bagatella; V. Ex. é capitão de mão cheia.

—Varro a pulha.

—Perdoe-me; eu não sou de mão vasia?

—Engenheiro, eu sei que Vm. é bello moço, que pagou e com generosidade todos os prejuizos que causou o desabamento da parede do gazometro; sei até que Vm. assignou 200\$ para o Manoel Archangelio. Mas por isso mesmo é que lhe previno

que a parede da frente está ameaçada o povo que por alli transita: grande numero de operarios dos arsenaes, de negociantes, de artistas, de caixeiros, de escrivos, e guardas, a Bahia toda.

—Oh! mim nan viu esse; mim vae examina parede.

—Pois faça isto ja e ja. Deixe o engenheiro do governo, e não queira que por facilidade se repitam novas desgraças. Veja que a tempo foram avisados.

—Ies, capitão; you está um good friend.

—Que queres?

—Qui iô qué? Iô tá muxingueiro hoje, iô qué mette calabrote ni cara de ossé, blair co dicarado, bebo sem vregonha, juda salado, rifugo de humanidade, ingrata de inferno, fia de diabo, cose qui nan pressa, faca qui nan corta, niga qui nan serve.

—Retira-te, negro! não me insultes!

—Negra! negra qui tem mai vregonha ni solla de pé, qui ossé blanco ni cara de salado. Anabi dizê que vaso ruim nan quebra, iô ha de quebrá ossé.

Ossé nan lembra de mãe de ossé? elle nan morá ni becco do Grêlo? elle nan cabá tudo cheio de bixo? Poi oia, Riani nan quer esse hêssa lá; cambra manda bota elle ni maré prugui tá mata gente di pessr.

E ripoi iô nan qué convessa. Capitão dizê qui beba nan regura, qui beba nan pressa tenção.

Toma xicote ni cara, tessa de féro desgraçado! rifugo de gente bahiana!

—Venha cá, meu tratante.

—Prompto, Exm.º

—Em que se occupa?

—Eu fui marceneiro.

—E depois?

—Professor.

—E agora?

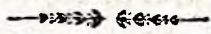
—Quero à força namorar uma franceza que mora defronte de minha casa, e suppondo que ella fosse protestante escrevi-lhe dizendo que promettio não ir mais à missa.

—E que lhe respondeu ella?

—Mandou-me tomar absinthio para ap-  
placar a minha paixão.

—Não fez nada, e eu dou-lhe já o con-  
veniente destino.

—Guarda-marinha, entregue ao muxin-  
gueiro, este cabriola, e depois de lhe cortar  
esta esbosa cabelleira, tenha-o no porão até  
chegar o *Domingo de Ramos*.



—Que diabo está aquelle mamarrote ali  
a gritar?

—É o Tupertino, abonador da Madame  
da Mouraria, que está apertado alli na loja  
do Olympio.

—Pois hão de andarem esses moços a se  
apertarem para dar desfructes?

—É porque elle hoje vai toear na S.  
João e está se preparando para o folguedo.



—Iaya, que mal lhe fez o *Alabama*?

—Nenhum; mas é que ás vezes descom-  
põe os amigos de meu homem, os corre-  
tores de escravos, a companhia do *olho  
rivo* &c., &c.

—Boa amisade tem o João-Ouro Verde!  
Pois não continúe; do contrario, remetto-  
a com praça de corneta para o batalhão da  
Mata-Cobra.



—Olá, meu moço de Braga, que diabo  
é isto?

—Isto o que?

—Pois vossê não se lembra daquelle  
collega que morreu e que deixou-o por  
testamenteiro, e creio que tutor daquelle  
pardiha?

—Não é comigo.

—Pois não é vossê do *Caes Naval*? Pensa  
que o não conheço?

—Não é vossê o tratante que com ella  
zombou-se, que della tem fillos, que  
della toda o cobre tem comido e que a trata  
com sua escrava?

Diga, meu patife, é ou não é vossê?

—Capitão, sou eu mesmo; realmente  
nada mais fica occulto nesta bella Latrono-  
polis; mas, capitão, quem fallar a verdade  
não merece castigo.

—Não, de certo; mas por favor queira  
vossê ir tender-se com este preto, que é o  
cosinheiro, o qual lhe dará emprego. É  
nada menos que cuidar da cosinha, varrer  
os camarotes, lavar os pratos &c., &c.

—Concordo, capitão. Não se precisa de  
rachar lenta?

—Não, o serviço é feito aqui com carvão  
de pedra.

—Está bom; não roe desgosto o emprego.  
Em Portugal muito mais trabalhei; leria,  
e não eram lá camarotes, eram aqui assim  
as ruas.



—Meu capitão, vou narrar-lhe um facto  
acontecido ha poucos dias. Conto-lhe o mi-  
lagre, mas não descubro o santo.

Certo menino da moda foi convidado para  
um pagode fora da cidade; acontece porém  
que no dia designado morre-lhe um tio.  
Era de crêr que o bom do menino fosse la-  
mentar com os demais parentes a morte de  
seu presado tio; porém qual! foi ao pa-  
gode, e divertiu-se tanto, que a final quiz  
obrigar um homem a tirar uma sabiá da  
gaiola para elle entrar, pois segundo dizia,  
cantava melhor. E que tal o menino?!...  
Esse facto deixou-o a sua apreciação, meu  
capitão, para dar o destino que merece tão  
bom parente.

—Ja sei d'isso, e conheço-o muito. É  
sabiá que range, e diz que canta.



—Guarda-marinha, Vm. vá já e jã ao presidente da junta de qualificação da Penha, e pergunte-lhe em que quartoirão, em que rua e em que casa dessa freguezia mora o Dr. José de Goes, que foi qualificado, assim como os Srs. Barbuda que mora no Maciel, e Eloy José Leal que mora na Victoria.

Faça-lhe ver que não está elle entre caboclos e que se faz mister respeitar a moralidade publica e a lei.

—Oui, mon cher ami.

—Viram o *Mohican*?

—Vi; ordena ao chefe de policia que remetta os redactores do *Alabama* para a tropa de linha.

—Que poder!

—É para ver. Entretanto os fiscaes não fazem o que adverte o *Alabama* porque diz que elle ordena?

—Bem! Quem for o competente que lhes tome as contas.

## PARTE COMMERCIAL

PRACA DE LATRONOPOLIS 28 DE FEVEREIRO DE 1864, AS 5 HORAS DA TARDE.

### REVISTA SEMANAL.

*Bandalheiras.*—Neste genero fez-se alguma cousa. As cotações estão firmes.

*Bebedeiras.*—Foram tomadas duas grandes partidas pelo testa de ferro do *Moe-canna*. Ha grande procura deste genero. Os preços estão firmes. As cotações tendem a subir.

O carregamento do brigue *Pharoux Bahiano* entrada sabhado à noite foi depositado no trapiche *alfandegado Carvalho*.

*Chicanas.*—Um carregamento que appareceu no mercado, consignado à casa *Forum e C.* foi retalhada para consumo.

*Envenenamentos.*—Neste genero tratou-

se ha dias n'uma transacção que não se realizou.

*Fretes.*—Fretou-se a barca *Duro-mundo* por 10.000\$ para conduzir uma partida de testamentos falsos.

*Firmas falsas.*—Pouca animação no mercado.

*Intrigas.*—Houve uma transacção neste genero, que por ora não transpirou.

*Roubos.*—Os que tem apparecido no mercado são fornecidos pela companhia do *Olho-Vivo*.

## IMPORTAÇÃO.

### MANIFESTOS.

Barca *Popular Olegaria* em 27 de fevereiro.

52 pipas caxaça, 25 fardos mentiras, 36 pacotes patifarias.

### EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Barca *Asmodeu Venancia*, 12 caixas de sultos, 25 volumes descordens, 36 embrulhos bebedeira.

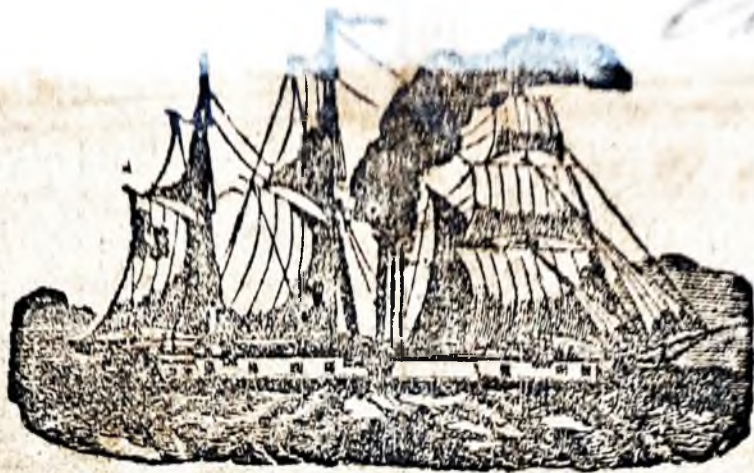
*Suavea Tratante Cachoeira*, 1 grande volume papeis pertencentes a uma sociedade dramatica, inclusive a acta d'uma sessão quando foi thesoureiro certo gatuno, 1 dito ditos relativos a um casamento.

## A' PEDIDO.

Pede-se ao mestre-pedreiro do arsenal de marinha o favor de declarar si é verdade que chamou os officiaes de sua officina para trabalho da remoção do carvão do gazometro, e que agora preterea pagar-lhes a metade do preço que paga a companhia.

*Um que quer saber.*

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia n.º 17.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.<sup>a</sup>

BAHIA 8 DE MARÇO DE 1864

N.º 50

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Instituto de Mag. do P. rs. 120 e Hictorico

## O ALABAMA.

### A PENA DE MORTE.

Apezar de nos verem de continuo a mandar ao fundo do mar os ladrões que *betamos*, somos partidarios cegos, apologistas decididos da abolição da pena de morte; no que se nos não encontrará contradicção, visto que ladrão não é gente.

Assim que nosso jubilo é immenso quando um Viriato propõe no nosso solo a realisação dessa idéa, e um illustrado bahiano a defende e sustenta.

E' por isso que não podemos deixar de dizer duas palavras de cordial affecto, de enthusiastica satisfação, de sincero agradecimento ao Sr. C. Garcia, por occasião da publicação de suas idéas

DA  
BARRILETARIAS sobre a pena de morte, parâmetros e hojes desconhecidas.

Receba pois o mesmo Sr. o tributo de gloria que, orgulhosa lhe manda a civilização, que agradecida lhe envia a humanidade.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1864.

Officio ao capitão do porto, pedindo que mande chamar a sua presença o Lucio, thesoureiro da sociedade L. de novembro dos saveiristas, o qual ha 2 annos não faz a romaria do citado dia, para entregar o dinheiro que em seu poder tem e que me dizem empregara em comprar terrenos na Quinta dos Lazaros.

—Ao Sr. commandante de policia, pedindo providencias sobre

um facto que no dia 5 do corrente teve lugar, na casa do Sr. Baboi- no á rua direita do Collegio, e é o seguinte: um cabo d'esquadra (que estava de guarda no citado dia) do batalhão que S. S. comanda accommetteu a dita casa e na co- sinha foi buscar um menino que se evadira, e que alli se refugiara. O que, a ser verdade, é uma affronta á lei, á segurança individual e ao socego das familias.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Bernardo Bilheteiro pedindo o logar de gato da Misericórdia no impedimento do actual. — Informe o João Fernandes.

*Informação do Beira-mar sobre o requerimento do José Venancio.*

O supplicante apresenta docu- mentos com os quaes prove não ter sido veterano de barriga.

—Que de soldados na praça! São 2 de março; si fosse hontem, julgava ser alguma *sinimbusada*.

—Nada de mais, é a posse do presidente Silva Gomes.

—E que vulto preto é aquelle que vae correndo atraz delle de azas abertas, para chegar a pala- cio? Será algum *abutre*?

—Nada disto; é o vigario Ro- cha Viauna que se quer fazer ne- cessario.

—Que aza preta!!!

—Sr. subdelegado de S. Pedro, dá licença para duas palavras?

—Pois não!

—Que balburdia foi esta do theatro de S. Pedro de Alcantara? V. S. impassivel assim! Não ou- viu aquellas doces palavrinhas que foram proferidas? aquelles escan- dalos com aquella hespanholita? aquelles tumultos, aquellas alga- zarras, aquelle ajuntamento na rua, aquellas bofetadas, aquellas ova- ções á hespanhola? Que é isto, meu charo? Que das providen- cias?

Não houve immoralidade ne- nhuma?

Depois as gazetas é que são immoraes! Aqui d'el-rei contra o *Alabama*!

—Ha de se dar as providencias, capitão.

—Muito estimo.

—Que vultos são aquelles que se dirigem á fortaleza do Barbalho?

—E' o Henrique que vae com a filha visitar os presos.

—A estas horas!

—E a graça é que só as 5 da manhan è que ha de voltar.

Leva consolando a noite toda a um Dr. que padece de *gota*.

—Graude Deus! E o carcereiro? o offi- cial da guarda?

—Bem bello! Estão dormindo, que já é tarde.

—A's 8 horas?!

—Padre porque não dobrou a egreja de S. Pedro Novo, pela morte do conego José Antonio?

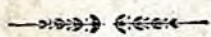
—É que o thesoureiro não soube  
—Ou esteve occupado com alguma cana-  
ria? Disseram-me que elle gosta muito de  
passarinhos.

—Não; o thesoureiro é o padre Cal-  
das e é homem serio.

—Ah! então esteve occupado com os  
negocios da capella, dizem que volta as  
vezes a uma hora da madrugada.

—Então devia ter visto o enterro pas-  
sar.

—E queria que o padre dobrasse?



—Que negocio de dedo é aquelle no  
*Forum*?

—Nada de novo; é o relógio que ora  
adianta-se, ora atraza-se.



—Venha cá, Sr. Vasconcellos. Onde vae  
tão cansado. Que diabo de carregó é esse  
com que vae tão apetrechado?

—É a *Arte de requerer em Juizo* que  
levo para meu uso. Não sabe que quero  
tambem advogar?

—Como vae esta cabeça!... Pois o ho-  
mem não esta a confundir um sellim com  
uma obra de direito?

—Não me insulte! olhe que eu sou um  
proprietario, um pae de familia! Tenho que  
perder!

—Vossê o que é, meu caro, é um refina-  
do tropiante. Vá-se andando.



—Vallasquete, diga que diabo fez V. com  
o *Granada*?

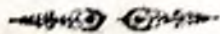
—Levei-lhe charutos, e tomei o di-  
nheiro.

—Pois disseram-me que V. tomou cha-  
ruto e dinheiro, depois de ter levado amos-  
tas d'uma qualidade e effeitos do outra.

—Pois V. Ex. acredita em *Granada*?

—E não lhe conheço eu, tratante? Vá  
levar o dinheiro, do contrario...

—A's ordens de V. Ex.



—*Cadete*, que barulho é um? V. com o  
*Nascimento*?

—É que este mano quer-me chupar  
dez lustões por uma ridicula aposta.

—Mas V. não concordou, não deposi-  
tou o dinheiro?

—Mas julguei que elle fosse generoso.

—E como não o é, V. quebrando as  
garrafas do dono da casa, espatifando tudo  
assim.

A culpa tem elle que deixa jogar-se  
ganão a dinheiro.

Sr. Vital, tome juizo, que isto é feio.  
Olhe lá.



—Que diabo de gazeta é uma que sahia  
descompondo o *Alabama*?

—É o *Boi de canga*.

—Não, é o *Moe-cannas*.

—Qual, é o *Mohican*.

—Descobriu na redacção tres réus de po-  
licia, e ordena ao chefe de policia que os  
remetta para a tropa de linha; chama-os  
burros &c.

—É um ridiculo plagiario. Todo estylo  
do *Alabama* furtou; até a falla do negro  
invejou.

—O *Alabama* deve vir agora muito forte!

—Qual! sei que não responde por igno-  
rar quem é o redactor; o testa de ferro é  
um pobre pae de familia de quem a redacção  
se condão, e a quem não responde, por ser  
um reconhecido beberrote...

—E depois põe-se ao nivel da canalha  
quem com ella disputa.



—O *Mohican* chama pirata ao *Alabama*.

—Mais pirata é o ladrão de sua conscien-  
cia; o desgraçado que vende tó sua propria  
honra.



— Isso é verdade; mas o *Mohican* nada d'isso tem.

— Ora o *Mohican*! o *Mohican*, si for chamado á responsabilidade, defende-se com a embriaguez, que é estado natural d'elle.

— Ora, estes inglezes!....

— Qual inglez! Chame-o alambique ou foail que não erra.

## A PEDIDO.

### ATTENÇÃO.

Corre que o Senhor do Bom fim ficou devendo ao Sr. Dr. Freire **SETE CONTOS DE REIS!!!**

Que este povo catholico vá *in continenti* depositar aos pés do mesmo Senhor a quantia referida. *O bezerro com cabeça de carneiro.*

Certo Dr. me pediu  
Que um dos rolizios mettesse  
Nos capotes que modinhas  
Cantam até que amanhece.

Mas como tu eu farei,  
Si um moço que vai cantar  
Quer na casa desse moço  
Com uma bella se cazar?

Em todo caso, meu charo,  
Tome juizo, yoyô;  
Não diga ao depois que santo  
*Antoninho* lhe enganou.

J. C. P.

## MOFINA.

Os proprietarios da casa á ca-  
bir nas Grades de Ferro, reque-  
reram ao Sr. conselheiro Amaral  
suspensão da ordem da camara que  
mandava demolil-a.

Os mesmos herdeiros ficam por  
tanto responsaveis pelo prejuizo  
que causarem ao povo, nesta terra  
das condescendencias.

*Um prevenido.*

## ATTENÇÃO.

O mez do fevereiro é o mez das  
fatalidades para o Sr. conferente  
d'alfandega da Bahia, Domingos  
José Antonio Rebello!!!

Em fevereiro do anno proximo  
passado teve o Sr. conferente re-  
ferido uma desagradavel occurren-  
cia em despachos agenciados pelo  
então despachante *Andrade*! Em  
fevereiro do corrente anno torna a  
ter o mesmo Sr. conferente outra  
occurrencia tambem desagradavel  
em um despacho agenciado pelo  
despachante *Barretto*!!! Irra....  
Ja se vê que o Sr. Domingos José  
Antonio Rebello não serve para  
conferente d'alfandega por conti-  
nuar a *despender é facilidade*  
que tem compromettendo assim a  
aquelles que tem a infelicidade de  
ter despachos com S. S.!!!!

No dia 4 teve logar a continua-  
ção do processo instaurado no 2.  
districto de Santo Antonio contra  
os Srs. Cajueiros, por queixa da-  
da pelo padre Manoel Jacintho  
d'Araujo Pimenta. Por ora conti-  
nuamos na expectativa, pois até ver  
não é tarde.

S. Ex. Revm. e o clero honra-  
do d'esta capital, deverão certa-  
mente *louvar* muito aquelle zeloso  
padre, quando tiverem conheci-  
mento da origem desse processo.

Basta por hoje.

o Sambista.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.<sup>a</sup>

BAHIA 10 DE MARÇO DE 1864.

N.º 31

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1864.

Officio ao cura da Sé, pedindo-lhe que nas noites em que sahir o Santo Viatico, se digne mandar deitar algumas luzes no corpo da igreja, assim de evitar o desrespeito e a confusão que tem logar na mesma igreja occasionados pelos meninos que a taes actos se prestam.

—Ao Sr. Dr. delegado, para que vá á loja d'um Garcia, á Preguiça e examine-lhe os discipulos, que me dizem foram castigados barbaramente, chegando até a metter-lhes a mão no fogo, para dar as providencias que o caso requer.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que mande chamar o africano Malaquias e intime-lhe a prohibição de palavras obscenas,

que de continuo são ouvidas em sua casa, ao Jogo do Lourenço n. 178.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao *augusto* e dignissimo proprietario de uma *droga* á rua direita da Misericordia e intime-lhe para que declare quem era o sujeito que no sabado á noite, chamava em sua loja a redacção do *Alabama* pelo nome d'quella que lhe dera o ser, visto que quero dar-lhe os devidos agradecimentos. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a Junta de engenheiros, e intime a certo empregado, dizendo-lhe que, durante as horas do expediente da repartição, não esteja a cantar o *viva Garibaldi*. Outrossim que o advirta de mudar de vestimenta, para que os moleques não o apopem, na supposição de ser o capitão Daltro. O que cumpra.



—Que diabo de abraços são aquelles, que apertos de mão, que palmadinhas gostosas, que diabo é isto?

—Aonde, capitão?

—Alli n'uma daquellas barracas de Santa Barbara.

—Ah! é um namoro de machos.

—Pois além de Latronopolis, Sodoma!

—Não, capitão; aquelle gallego velho vem namorar o gallego moço, mas é para este casar com a filha delle.

—Veja que descarado velho! V., guarda-marinha, mais dias, menos dias, traga-m'o a bordo, que quero ver si elle, toma ou não vergonha. Que safado gallego!

E não me deixe escapar tambem aquelle outro bigorrilha, bem despresivel, de enjoativa cabelleira, que com tão safado velho estes desfructes alli dá.

—Já capitão, bem me diziam outro dia. Muita falta faz o cipó do major Soares!

—Só o seu nome mette medo.



—Que diabo de historia é uma na Lorangeira?

—E' um marido que ensina sua caza.

—Fallaram em feijoadas; temos feijão com laranja. Ouça.

—E' o marido que amassou o corpo da mulher porque comeu-lhe um resto de feijão e guardou-lhe peixe.

—Que diz? Ouça bem,

—E' isto. Atirou depois á cara da mulher com a panella vasia.

—Sabe-lhe o nome?

—Não sei, mas sabe-se; ouvi fallar em Julio. Pode ser que não seja; talvez se tractasse de candieiros a gaz para 2 de Julho. Enfim vou ver.

—Traga-me o magano pelo coz que tenho que fazer com elle.



—Senhor, Basta, Sr. marinheiro, Sr. Pinto Alvo, que barulho é este?

—É este patife, capitão.

—É este patife, capitão.

—É este patife, capitão.

—Psio! que algazarra é uma?

—E' que hão de ficar lá nos seus armazens, começam a chamar os freguezes dos outros!

—Ora com effeito! Que caras de patifes! E foi preciso todo esse barulho, essa decompostura toda?!

Para questão de menino, castigo de menino: 6 duzias de bollos reciprocos.

Vamos!



—Sr. Benjamim Vallasques, V. lembra-se de quando foi á typographia do *Interesse Publico* tractar de uma publicação no *Alabama* contra um collectar de Minas Gerais? de quando insultou a pessoa que o recebeu, dizendo que mettia o chicote no redactor, si publicasse factos que lhe dissessem respeito?

Pois metta-o agora, velho ridiculo, insupportavel bobo que se anda occupando do quem se não lembra de V.

—Mas porque? Sou tão pouca cousa? *Indague quem fui, quem sou, e verá.*

—Ora vá-se para o diabo que o ature!



—Padre donde vem V. de abbatina, chapéu de trez bicos, meias incarnadas, tão cansado assim?

—Venho d'aquelle sobradinho do Leo...

—Tão cansado! atravessando este extenso campo com este sol tão rigoroso!

—Capitão por quem è... segredo, meu bom moço; conto-lhe já tudo.

Acabo de pedir protecção ao sincero moço de quem chupei os cinco bagos, e a quem cazei a 26 do passado *in articulo mortis*.

—Pede protecção! e diz que o moço lhe deu sem V. pedir.

Mas si V. não podia receber? Ou pode? Seu sacristão anda dizendo que V. fez muito bem e que tem direito a 1800 rs.

—E' um doudo. Poupe-me V. Ex. a cuja protecção me submetto.

—Meu DEUS! que Latronopolis infernal! quanto padre safado! quanto devasso! quanto jogador! quanta cousa ruim!

Padre retire-se por quem é; eu sei que V. não peccou por innocente, mas como não quero concorrer para a desmoralisação do clero, eu guardo segredo.

—Capitão, attenda.

—Ja sei de tudo, meu vigario. Sei que V. não exigiu, mas pediu que lhe dessem o que quizessem. Não é isto que quer dizer?

—Justamente, capitão.

—Empine-se, padre, tento mais que fazer.

—A paz do Senhor esteja convosco.

—Lá fugiu uma caboclinha.

—Que diabo é isto?

—E' um passaro que fugiu d'um pé de pimenta e foi trepar-se n'um cajueiro.

—Ali! compreendo agora.....

—E não vê V. Ex. alli uma *petitíngã* a metter medo? Que diabo de peixe que tanto mal faz em secco!....

—Quem passa de madrugada pela rua de baixo de S. Bento já olhou para a casa do Marbak?

—Já. E vi uma figura representando um frade, que de canisola levantada mostra ao genero humano, por meio d'um cordel que dirigem, as partes genitales em.....

—Pois isto não vê o *Mohican*. Anda-se agarrando ao oculo de frei Monte e à mil tolices e ainda não lembrou-se de avisar disto à Policia.

—Gulha-me, vá V. agora dar as providencias.

—Sr. Mendes, que faz ali?

—Capitão, penitencia. Não me está vendo flagrado com esta cruz?

—Este tratante! quer deshoarar as familias pobres e vale-se da cruz!

Maxim�zeiro, este hypocrita quer aproveitar a Quaresma em desconto de seus peccados; dê-lhe de rijo!

—O que é isto Sr. Ferrugem?

—Nada, meu capitão.

—Pois V., *descurado*, ainda continua a viajar na estrada de ferro? não se lembra dos escandalos que ultimamente deu? ainda não está satisfeito?

—Mas capitão, a culpa não é minha!

—Então de quem é? responda.

—V. Ex. não vê que a *fiorzinha* não me quer deixar e o dia que não appareço, chega a dar-me bofetadas quando me avista?

—Salta d'aqui safado! Mané-Bahia, leve este biltre para o porão, e mande applicar-lhe cem calabrotadas para seu ensino.

—Tomára já me empregar para acabar com isto!!

—Que reunião é aquella no Coberto Grande?

—E um cavallo que está cobriado uma egua.

—Aqui no centro da cidade?

—E a graça é que de proposito amarraram a egua, e chegando a patrulha desatenderam-na.

—E de quem é a egua?

—Ignoro; mas o cavallo é do padre Pinheiro, irmão d'um moço do Recreio Literario e que é caixeiro, si me não engano.

—Nem mais uma palavra.... Olhem que esta Latronopolis, nem a antiga Sodoma!

## A PEDIDO.

### A' policia da minha terra.

Falleceu no dia 8 do corrente o frade carmelita Manoel Joaquim de Santa Escholastica, em uma casa fronteira ao convento do Carmo, o qual não deu signal de sua morte até ás 3 horas da tarde, depois que os reverendissimos obtiveram licença da policia para remetter o cadaver para a Cachoeira!....

E a policia deu a licença e não tractou do mais, sabendo que por mais de uma vez tem os frades do Carmo enterrado seus collegas finados no interior do convento, contra a disposição da lei! E depois que interesse de ser sepultado na Cachoeira o frade, não dando o convento signal de sua morte até depois de obtida a licença?

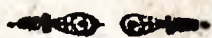
O que dizem é que havia o plano de enterrar o frade no convento, caso por que não dobrou.

Certo parecia de que se viria a saber de sua morte apesar das precauções que tomaram e das recommendações que fizeram os frades foram à policia e bigodearam-na.

E' ainda tempo; a policia faça o seu dever, vá ao convento do Carmo, examine e o frade ha de lá estar, que para a Cachoeira elle não foi; desculpe-se ao menos assim do descuido de não examinar o caixão, e não tenha tanta boa fê com quem faz alarde de não sujeitar-se à lei, apregoando que preferem pagar a multa a deixar de enterrar no convento os seus confrades.

Que se lhes instaure até o processo de desobediencia, afim de que fiquem sabendo que apesar de regulares (bem irregulares que são) não estão isemptos das leis do seculo e do paiz.

*O inimigo da estupidez.*



### Ao Sr. subdelegado da Sé.

São incorrigiveis as celebres moradores do 1. andar da casa n.º 18 a rua do Collegio!

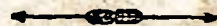
No sabbado para domingo ás 2 horas da madrugada, depois de innumeradas palavras, proferidas em dialogo na janella com o fiscal, filho da Macedonia, sapateiaram á grande, incommodando aos vizinhos, principalmente ao morador da loja do sobrado, que em compensação á advertir para cima, recebeu uma solemne descompostura.

Essa gente de má vida não estará sujeita à lei?

Não haverá um meio de removel-a a policia dentre a gente honesta?

Veremos e voltaremos.

*O incommodado.*



Declara-se ao Sr. Barros Itaparica, administrador do recolhimento de S. Raymundo, que a irmandade do Senhor dos Passos da freguezia de S. Pedro mandou já fazer uma imagem do mesmo Senhor.

Fica portanto o Sr. Itaparica livre este anno, de apresentar mil objecções para ceder a imagem do recolhimento, impouido até que fosse ella guarnecida só por seus filhos e parentes, depois de alugal-a por 20\$ rs. para a procissão do dia das Dores de Nossa Senhora!

Fica portanto livre este povo de presenciarem tão degradante scena, de escutar os alitisonantes gritos do Sr. Barros Itaparica.

E graças à DEUS.

*Um espantado.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.<sup>a</sup>

BAHIA 12 DE MARÇO DE 1864.

N.º 32

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a [1.000] rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a terceira serie.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* II de março de 1864.

Officio ao Exm. commandante das armas, perguntando a razão porque passando hontem o SS. Sacramento pela guarda do palaeio, não houve toque de corneta em signal de adoração.

— Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe que dê providencias sobre certos sujeitos que no adro do Collegio se assentam á noite em companhia de mulheres, e ás vezes em posições pouco decentes, tornando-se o escandalo maior nas noites de lua.

— Ao Sr. subdelegado do Pilar, participando-lhe que ha pelas immediações da estrada de ferro um individuo de nome Macario, que me dizem ter sido forçado, e ser presentemente um dos mais notaveis membros da companhia do Olho-Vivo, em que se distingue já por meio de furtos de carteiras, já por atrever-se a entrar pelas casas alheias, sem ser presentido pelos donos. Remetta-o por tanto Vin. ao logar que mais conveniente julgar ser o proprio de tão incommodo menino, pelo que muito agradecida lhe ficará a população de sua freguezia, e muito provavelmente a da Bahia inteira.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que amanha ás 8 horas esteja prompto com a competente força para acompanhar em dil-

gencia o coronel-chefe da policia secreta que á meia noite deve cercar a casa da crioula Bemvinda, moradora á rua por detraz da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, e trazer a minha presenca a baderna que alli costuma reunir-se dentro e fora da dita casa, nos sabhados á noite, que me consta excede ás vezes de 60 pessoas; devendo tambem vir a dona da casa para me apresentar a licença que tem para vender spiritos fortes. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que vá ao morador da casa, n. 32, 2.<sup>o</sup> andar, atraz da Sé, e diga-lhe que si continuar a deitar á noite agoas podres para a rua, e isto logo ás 9 horas, o mandarei para o porão deste navio por 30 dias. O que cumpra.

—O' Braga, já varreste os camarotes e a secretaria?

—Sim Sr.

—Pois vae levar os papeis que no cisco encontraste a teus companheiros para embrullharem as fazendas que ao povo impingem, pois que nunca vi miseria assim.

—E' verdade, capitão; si tivessem vergonha, far-lhes-hia vergonha.

—Mas não faz assim o barateiro: Ainda ha pouco comprou só de jornaes velhos para embrulho oitenta mil rs.

—Lá o barateiro é negociante lavado.

—Sim, já sei disto; faze porém o que te mando e menos conver-

sa. Poga no cesto e ajunta o cisco!

—Charo Doutor, que diabo é isto? V. cazado, com filhas, a namorar as filhas e a mulher dos outros!

—E' divertimento, capitão.

—Pois não continúe. Do contrario mando-o pegar pelas orelhas ou pelo bigode, ou então tirar-lhe os dentes sem dor, no porão do Alabama.

—Moça o que está Vm. fazendo ahí em pé no becco do Ferrão?

—Nada, não senhor.

—Vm. não é a mulher daquelle meço que mora alli adiante?

—Sou, sua senhor.

E como sabe de noite sosinha?

—Não faz mal, não senhor.

—Onde está seu marido?

—Está dormindo.

—E Vm. sahiu para passeiar?

—Sahi, sim senhor, em casa está fazendo muito calor. Vou ao banho no Ferrão.

—Que lhe faça bom proveito.

## A PEDIDO.

Será verdade que o Sr. Henriques Rodrigues de Lima e Silva, infermeiro do hospital de marinha costuma dar bollos nos meninos doentes?

Si assim é, boa cura!

\* \* \*

Ora diga me, Sr. Vital porque não entrega o Sr. o chapéu do

lhamem que ha cinco mezes lhe deu para concertar, e os amaveis cinco bugos para Vm. tirar do seu trabalho, e com os quaes ficou Vm.?

Si o homem não pagasse era caloteiro; com o pagou adiantado Vm. demora com a obra, e ficou se não só com o que deve lhe pertencer, como com o alheio.

Ah! . . . mais não me lembrava que o Sr. era da *liga*.

*O Claudelino.*



Pergunta-se ao Sr. inspector do arsenal de marinha si é verdade que ha poucos dias fôra mandado metter na prisão da galé o ajudante de porteiro desse arsenal, e no caso affirmativo, qual o motivo, e si aquelle castigo é a compativel com a cathegoria de um empregado publico.

(|||)



Sr Redactor.—E' inexacta a noticia que dá o seu jornal de 10 do corrente á respeito de serem barbaramente castigados dous meninos, na Preguiça por um Garcia.

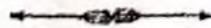
E tanto he que ahi está a mãe dos mesmos para o declarar.

O que houve foi o seguinte:

Dous meninos discipulos do Sr. Garcia subtrahiram 430 rs. de uma pessoa. Este descobriu o roubo e castigou os meninos com bollos, ameaçando-os que si continuassem, lhes queimaria as mãos, ameaça que todo mundo sabe que de costuma fazer para intimidar.

Por tanto para restabelecer a verdade queira publicar estas linhas.

*O amigo da verdade.*



Quero com gosto cantar  
Do Morro a certa trindade  
Um Dr., Xaudú, Malhado  
Metidos de authoridade.

Mas não canto que os taes moços  
São uns grandes liberaes;  
Deixal-o dizer que elles  
Não pagam aos officiaes.

Pois quem é que d'isto agora  
Pode prestar attenção?  
Não se lembrem do passado,  
Não cuidem mais no Trovão.

Os moços mostram que foram  
*Paes da patria que os poz nús!*  
Deixal-os, que são da raça,  
São liberaes, são perús.



Sr. Redactor.—O facto publicado em seu jornal é menos veridico, porque eu não quiz offender a este ou outro qualquer, (disse e affirmo que podia o fazer em cozo de desesperação); é ainda menos veridico quando diz que insultei a pessoa que me recebeu, sendo essa para mim desconhecida, e que disse é, e affirmo, que nada devia e por isso nada recejava; e quanto a coragem de fazer o que disse, isto qualquer o diz, e não tive intenção de offender a ninguém n'aquella occasião, nem agora.

Bahia 10 de Março de 1864.

*Benjamin S. M. Valasques.*



## PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOL'S 11 DE MARÇO DE  
1864, AS 5 HORAS DA TARDE.

## REVISTA SEMANAL.

**Arrafos.**—Por agencia do corrector *José Roberto* foi vendida uma partida que estava depositada no trapiche *Caldas* vindo na escuna *Canaria*, ficando o mercado sem deste genero.

**Charidade.**—Não ha no mercado. Espera-se qualquer dos dias o brigue *Leite* de Paris que deve trazer um carregamento de doze fardos.

**Embriguez.**—A granel. O commercio está abarrotado.

**Eloquencia.**—Não ha. A pequena porção que existia foi comprada por conta da *Assembléa*, que ainda sente falta.

**Hypocrisia.**—Com o tempo da *Quaresma* tem affluído ao mercado. A importada da ilha dos *Padres* tem obtido melhor preço. O palhote *Jacinto* do *Thomaz*, está desembarcando a sua carga no trapiche *Ponce*.

**Houza.**—E cassaca. Quem tem alguma guarda para seu uso.

**Namoros.**—A barca *Juliano* vindo do *Sant'Antonio* trouxe um carregamento consignado a casa dos Srs. Souza & Pereira que foi depositada no trapiche *Pelourinho*.

Pela estrada de ferro entrou uma partida avariada de ferrugem.

**Prevaricação.**—Uma guerrilha composta de funcionarios publicos, monopolisa este genero.

**Pagodes.**—Os que vieram no brigue *Capitão* consignados à casa *Garcia* estão sendo retalhados para consumo. O deposito é no trapiche *Penedo*.

**Roubos.**—Foi apprehendido o carregamento da galeota *Cornelia* que constava de colares e outros objectos de ouro pelo conferente d'alfandega *Delegado*.

## IMPORTAÇÃO.

## MANIFESTOS.

Brigue *Xifre da lenha*, vindo da ilha da *Ociosidade* em 8 de março de 1864:

1,000 saccos pouca vergonha, 10 barris mandriice, 1,000 latas preguiça.

Barca *Gostosa* em 8 de março de 1864:

25 arrobas cebo para cabelo, 20 quintaes depravação, 200 arrobas insultos a vi-sinhanga.

## EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Barca commercial *Neiva*, 100 bahús fraudes para fallencia.

Palhote insolente *Pau de sebo*, 1,000 latinhas contendo dinheiro de papel velho para trocar por novo, 55 pipas roubos comprados.

Galera *Peixe do Mar*, 4,000 latinhas com 400 pesos mexicanos cada uma (verdadeiros) 25 barricas seducção.

Clyper pitusco *Concha Dourada*, 15 volumes deboches, 500 embrulhos pagodes.



São convidados os amigos, parentes, afilhados e filhas do finado *Bahajozza Turibio* para a missa que por alma do mesmo se tem hoje de celebrar no convento de *S. Francisco*.

Com permissão do Exm. Sr. Capitão do *Alabama*, formará, para prestar as honras devidas a tão illustre morto, uma divisão puchada pelo *ogam* tirador-mór de diabos o Exm. Sr. de *Granada*; as brigadas serão commandadas pela *Maria Julia*, pela *Constança*, pela *Lucinda* da rua das Flores, pela *Maria Theophila* e pelos *ogam* Pedro, filho do finado e *Chico-papae*. Servirão de ajudantes *João da Saúde*, *Bonifacio*, *Pacheco*, *Andreza*, *Brazida*, *Benedicta R.* e *João de Deus*.

A encomendação será confiada ao *capellão Frederico*, sendo o que será distribuido o competente *carurú* e a nunca fastidiosa *caxaga*.

Bahia e quartel general dos *candomblés* à rua da *Poeira*, 11 de março de 1864.

*Porfirio Sardinha.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 15 DE MARÇO DE 1864.

N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de março de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, participando-lhe que por occasião do interramento do Turibio, houve logar uma ridicula mascarada, servindo de vigario um tal Paixão e de sacristão um celebre Frederico, que entoaram o *de profundis*, e até *tantum ergo!* o que vê V. Ex que é um escandalo, sobre que se deve tomar providencias.

—A' camara municipal, pedindo que mande intimar os proprietarios dos sobrados em que moram Domingos Vaz de Carvalho e uma professora particular, na rua dos Capitães, para que façam con-

certar os canos das referidas casas, que desaguam para a rua materias feccas e aguas em putrefacção, pondo em risco a saude publices, visto que ha dous mezes acham-se abertos, sem que tenha dado providencias a Illma.

—Ao Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que não convém que fique exposta na guarda do commercio uma *gamelleira* casada com uma *nogueira* e açoutando um *leão*, visto o risco imminente de ser atacado e comido por tão bravia fera algum descuidado que por alli passe.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma loja de charutos, á rua Direita do Collegio, e intimelhe que não continue a dar escandalosos desfructes com a visinhança, sob pena de ser conduzido ao

porão do *Alabama*. O que cumpra.

—Aomesmo, ordenando-lhe que vá a rua do Tijollo, na casa denominada *palacio do rincão*, residência da rainha da imparcialidade, e traga-me cá essa importante personagem, acompanhado de sua dama de honor *Joanninha de Flandres*, porque quero previni-la que á bem do socêgo publico a reunião de sua turbulenta cõrte deve ser de dia e não nos sabbados á noite como até agora. O que cumpra.

—Que historia é esta?

—E' um sujeito em fraldas de camisa, com a rotula aberta.

—Guarda marinha, mande já e já ao Passo do Saldanha na casa n. 6 E—conduzir-me o magano, que quero empregal-o, conforme seu merito.

—João Fernandes, chegue á falla.

Que diabo fez V. com aquelle soldado que quebrou-lhe assim as ventas?

—Foi uma cabeçada de gosto.

—Pois bem! vá visitar o porão do navio, e como fez a independencia e jurou a constituição, fica por ora livre dos machos; vá para a fachina, capoeira d'um dardo! Gosta de comer, divirta-se.

—Ioyo, como é isto? Pois V. a entrar na casa alheia, para bo-  
tir com as filhas dos outros, dan-

do esses spectaculos, mettendo a cabeça pelos buracos! Isto tem termo?

—Quem disse isto, capitão?

—Quem viu o que V. faz na rua do D. José. Isto não tem termo, Sr. Manuel Carlos; tome juizo.

—Alferes, vossê porque não paga o que deve? Vossê com este galão, com esta banda, com esta espada, com este fardão, com esta prôa, com este ar mascavado, com estes beiços de solta, com tanta cousa bouita e tão descarado assim!

—Capitão, V. Ex. é juiz de paz? Não pago porque não tenho.

—Ora pelo amor de Deus, pois os soldados tem mais que vossê? Como deve vossê a todos elles? Pois não se envergonha de dever até a um galé, que lhe mandou uma carta energica que ia ser publicada e que o não foi a empenhos de seu commandante?

E tem o desaforo de perguntar si sou juiz de paz! Sou juiz de guerra, patife, e prepare-se.

—Capitão, V. Ex. veja que eu...

—Porque não paga aquella carne que tomou fiado?

Porque disse que não pagava que não queria? Que diabo é isto? isto tem geito? Todas as vendas queixam-se de seus calotes.

—Sr. capitão....

—Vá pagar, meu filho de *Godó*, que filho de peixe é peixinho. Deixe de ser tratante, ande.

—Ja, capitão.

—Que barulho è um naquella porta?

—É o soldado de policia *Garibaldi*, que está de patrulha.

—Pois quem está de patrulha faz desordens?

— Elle queria ver si tomava aquella *fortaleza* por assalto, e não lhe sendo possível, trata de ver si desaloja o inimigo por estratégia, arremessando pedras para dentro.

— Bravo! então elles são os primeiros a dar o exemplo, e como as vezes prendem por qualquer cousa?

— Quanto mais se V. Ex. outro dia visse o soldado Bastos na rua Direita de Palacio, bebado como uma cabra, com um grosso cacete a querer brigar por força com quem passava! E passando a familia do Sr. G... foi insultada com as palavras mais hediondas e obscenas que se pode imaginar, a ponto do commandante da guarda mandar ver o que era, e elle responder que uma daquellas que elle vinha dando, o Sr. official tomasse para seu uso. E si V. Ex. duvida mande vir á sua presença o soldado conhecido por *Espirra-longe* que assistia a tudo.

— Boa policia!...

— — — — —

— Guarda-marinha?

— Prompto, capitão.

— Quem é aquelle *quidam* que alli vem? Traga-m'o cá.

— Capitão, aqui está o tal casmurro á disposição de V. Ex.

— Dize-me hiltre, como te chamas?

— Eu, Sr. capitão, eu... eu...

— Falla, animal, sinão te mando botar na agonía.

— Pelo amor de Deos! Sr. Capitão tal não faça commigo, pois eu me prostro aos pés de V. Ex.

— Levanta-te, camello, descarado, falla, pois eu de ti já tenho muitas informações.

— Informações de que Sr. capitão?

— Cala-te, infame descarado, e diz teu nome é o que quero saber.

— Eu... eu... me chamo Santos... Santos... Sr. capitão, por quem é me dispense de dizer meu nome, do contrario todos me conhecem.

— É para te conhecerem mesmo que eu quero saber.

— Enfim, Sr. capitão, só este é o que posso dizer.

— Infame, pois tu te chamas Santos, quando pelas tuas más obras és o refugio do diabo!

— Misericordia, Sr. capitão.

— Dize do que vives?

— Eu, Sr. capitão, eu sou alfaiate; isto é, fui alfaiate, porém tive a infelicidade de um certo potencia me fazer eleitor por uma infeliz freguezia, e de então para cá deixei de o ser.

— Então do que vives?

— Eu, eu vivo de fallar da vida albeia, com um certo amigo, forma de meu pé.

— Então, conta-me do que tens vivido desde que tiveste a infelicidade de ser eleitor pela tal freguezia.

— Eu lhe conto, Sr. capitão, logo que sahi eleitor, tive a fortuna de me empregarem de apontador, de um navio de guerra que se achava em concerto, fui empregado, Sr. capitão, graças a minha chapa que dei para um senador, que ficou taboquado.

— Falla camello, anda mais ligeiro pois tenho mais em que cuidar.

— Sim, Sr. capitão, já fallo; foi a minha casa um senhor que em Itapagipe morava, para me dar umas peças de obras para eu fazer, e eu com minha arrogancia habitual gritei que já tinha deixado de ser alfaiate, pois sahira eleitor e já tinha alguma posição social; que fosse procurar quem as fizesse: o tal homem sabiu cabisbaixo e foi-se embora. Então do meu emprego que me rendia nos dias uteis 1\$50,0 eu comprei relógio, trancelim, e enfim ajuntei dinheiro para... para...

Sr. capitão, não posso mais fallar, pois os dous pedaços de carne que me estão nascendo dentro da bocca nas bochechas me estão fazendo ficar fatigado.

—Ah! patife! tu tens tres lingua, por isso é que todos se queixam de ti, que tanto fallas! Guarda-marinha, leva esta infamia das infamias para o porão, pois o castigo delle eu hei de mandar dar, depois que se apromptar um azorrague de couro cru para o sovar com seis mil agontes, pois que ainda assim não fica castigado; hote-o a ferros. Guarda-marinha, nada de contemplanções.

—Sr. capitão, por quem é, eu não posso soffrer tanto.

—Infame, ainda dizes-me que não podes soffrer tanto? podes tu andar para baixo e para cima, dez e doze vezes por dia na ladeira do Bomfim, e mesmo pelo Travasso, espiaando a vida alheia para fallar! Compra guarda-marinha as minhas ordens, ao contrario serás castigado tambem.

—Será obedecido; segue casmurro que só a canellões é que se pode levar infames como tu.

—Quem me acode? quem me acode? desta vez morro.....



—Que ha de novo?

—Iô ja nan pode mai turá sinhã ferruge, jô que mettê calabrote ni cara di ére, poi é blanco dicarado, já predeu vregonha.

—Mas o que tem elle feito?

—Péra—iô conta turo prugé visinho di ére nan pore chegá ni jinella, namorada di ére este menina flozinha tá munto dicarado—capitão de Lubamba manda dá cem calabrotadas ni ferruge, nan qué decretá, nan qué procurá emprego, prá ganhá dinheiro, porica nan qué pega ni ére pra botá ni tropa.

—O que tem V. com isto?

—Flozinha tá rumando bofetada ni cara di mãi di ére memo, tá descompondo visinho, chama negra, beba, qué quebrá cabeça cum pedra—é uma fia do diabo. Sinhã Manezinho nan qué mai, ripoi qué faze negocio com ére em S. José, Pae nan vem

mai ni cidade, prugé depravação é muito. Amari turo tá vendo quando passa ni rua di ozo que florzinha tá rauratinho, e ripoi qué sê blanco, mai é um blanco dicarado, nan tem mai vregonha ni cara.

—Não quero que te intromettas com a vida dos outros, entendes?

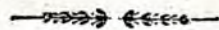
—Tá demreto, iô nan falla mai; quando ferruge mai florzinha começa com patifaria, iô pega ni chicote e arruma ni cara di ére dua, e não faze mai queixa.

## A PEDIDO.

### ATTENÇÃO.

O Sr subdelegado da Rua do Paço affiançou sob fé de seu cargo e palavra de honra que o defunto *carmelita* embarcou para Cachoeira!!!...

*Será verdade.*



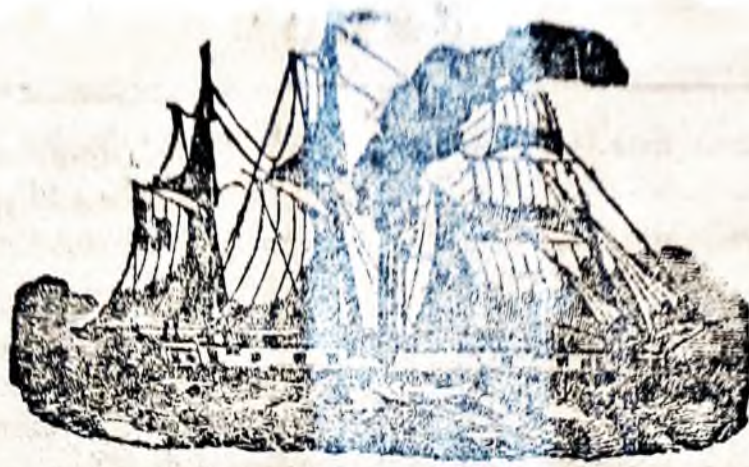
Pergunta-se ao Sr. chefe da Estação em que se fundou para não pôr os medicos fazendo servie) nos dias de registro dos navis do Rio de Janeiro.

Sr chefe de saude será isto por seu gosto? V. S. que é tão rigorista?!

& & &



O chapeleiro abaixo assignado pede ao auctor da publicação inserta no n.32 do *Alabama* que traz a assignatura—O *Claudelino*,—que declare si se intende com elle o conteúdo della, e não o fazendo será tido pelo mais infame calumniador e assassino da honra alheia. B hia 14 de março de 1864.  
*Joaquim Rodrigues Vital.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 17 DE MARÇO DE 1864.

N.º 34

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 40 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 16 de março de 1864.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe qual a razão porque não continúa a mesma a publicar o detalhe mensal dos fiscaes, visto que se estão alguns a queixar de serem enviados para as freguezias de fóra 12 e 13 mezes, ao passo que não sahem outros do centro da cidade, não podendo proceder a razão que se allega de serem aquelles menos morigerados, por isso que sua punição devera, em tal caso, ser a demissão, o que não ignora a Ilma., moralizada como é.

—A' mesma, participando-lhe que um celebre Velhasques, que tem por cahedo um fiscal, intendeu que estava no direito de se considerar tal, e foi, dizem, á casa d'om Vicente á rua do Tingui impor multas, o que é um crime previsto no código,

arts. 301 e 302, a ser verdade o que me informam.

—Ao Sr. presidente da relação, dizendo-lhe que se tornam necessarios aos bancos para ascendo das pessoas que tem de assistir ás audiencias no Forum, visto que é prohibido sentar-se nas poucas cadeiras que allí ha na occasião das audiencias.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha no Cabeça uma taberna em que se vende polvora, o que se effectua com o apellido de arcia, *chrisma* de que ja está sciente o dono da casa.

—Ao mesmo, pedindo providencias sobre um facto que sem duvida ignora S. S., e é que, ao varrer-se a secretaria, e limpar-se a estribaria, vão os forçados com o lixo em carrinhos deposital-o no lugar mais transitado da Estrada Nova.

—Ao Sr. fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá a ladeira da Misericordia á casa n. 20 e examine o seu quintal que me informam

ser uma montureira completa. O que cumpre.

## REQUERIMENTO DESPACHADO.

Cici Gadelha—pedindo o privilegio de andar de chinello de tapete na repartição.  
—Informe o Bota d'Ouro.

—Que *candido* moço é aquelle que vae a Vianna pelo caminho de S. Lazaro?

—É um pedante, um impostor, um tolo presumpçoso que gamou trezentos mil réis d'um pobre moço desempregado, e não tem, tão cedo, tenção de dal-os.

—Deixe-o no porão até sabbado d'Alleluia.

—Só os militares é que tem continencia?

—Porque pergunta?

—Porque sabiu no dia 14 a commissão da Assembléa Provincial e nada de corneta.

—Isto la não sei.

—Que passaralhada é aquella?

—E' uma porção de gallinhas, perús e patos que vivem pela rua do Paço a atrapalhar as pernas de quem passa.

—Ora Sr. Magalhães! Pois isto tem termo?

—Não é prohibido.

—V. não tem a culpa; a culpa é de quem o deixa fazer seu gallinheiro das ruas da Bahia, que o recebeu, vindo de tão longe com os braços abertos!

—Guarda-marinha, traga á minha presença a Marcellina e o Saturno, moradores á Lapinha, que me é preciso fallar com elles.

—Aqui estão, capitão.

—Então como é que V. insulta assim a vizinhança, proferindo tanta palavrada?

—E' calumnia, Sr. capitão.

—Eu sei disto, e tanto que vou metter-me ao porão, em companhia do mazingueiro.

(Continuação do n. 28).

E não se importam vossês com a desgraça do pobre homem, que vive ahí infeliz, desgraçado até por sua causa!

Venha cá V., sôr tratante; venha já para o porão, meu patife!

Guarda-marinha, fugiu o patife! agarre-o ja e ja, escaleres ao mar, a maruja em diligencia!

—Capitão, que signaes tem o melro?

—E' gordo como um burro; tem a altura de judas, a cara comprida, cor de diabo, isto é vermelho; pernas tortas, pés grandes, incobertos por affamados sapatões do Porto, ar agallegado, porte de quem carregou caixas de assucar e pipas a pau e corda, muita similhaça com agualeiros, com quem viveu misturado; anda de paletot sacco amarello ou azul, chapéu de Braga, calças de casimira pretas.

—Conheço-o muito, e não lembrava-me, tenho muitas vezes conversado com o magano. Ainda um dia destes, 10 de janeiro, disse-me o patife, ignorando que eu era da tripulação, que tinha gasto uns doze contos de réis e que até o fim de fevereiro gastaria mais tres, dando a intender que compraria tres votos de desembargadores a um conto de réis.

—E' gosto delle; não é a primeira vez que diz este gallego ter comprado desembargadores; razão porque vae este mundo assim... razão porque..... enfim vá agarrar o patife.

—Capitão, é um safado; na vista de cinco homens honestos gabou-se elle do que faz; e conta ja com o ovo no az da gallinha.

—Vá pegal-o, guarda-marinha não de

tempo de tratante; é discipulo do Candido Rêcho e pode como elle desapparecer por entre alguma parede.

— Já, capitão. (Continúa).

—

— Padre que barulho foi aquelle naquella casa, depois daquella demora?

— Em que casa, Sr. ?

— Alli na rua da Lama. Na segunda feira.

— Ah! fui tirar esmolla para o Santo Sepulchro, e o dono da casa que é judeu botou-me para fora.

— O nome o diz: este Sr. Camillo!

Mas é que me disseram que V. em vez de cora para o Sepulchro, pedira licença para descansar, e que instara com a moça para abrir-lhe a porta.

— Santo DEUS! que calumnia! Pois um sacerdote faz isso em tempo de Quaresma!

— Estes frades de S. Francisco!

—

— Sr. Benevenuto da Larangeira, porque não vae Vm. pagar aquellas calças que mandou fazer pelo seu visinho, antes de quebrar?

— É porque por ora não ha.

— Pois nem o panno! Não vê Vm. que o homem desembolsou seu cobre?

— Capitão por ora não ha.

— Mas elle ia-lhe accaso pedir alguma esmolla, para Vm. estar a chacoatear com elle, quando lhe ia o caixeiro byscar os cobres? Forte patife! vá ja e ja pagar ao homem.

— Capitão vou tractar disto. Que hão de andar agora os segredos alheios na boca de todos!

— Nem mais palavra; do contrario o portão e os machos estão a sua espera.

—

— Reverendo Fr. Celeste, tres cazas por juoto?

— Trêde tem tanto diuheiro assim? ou é mi-na de guardia?

— Eu já não sou guardião; o que ha é que sou da cêo, sou filho do Salvador, sou um anjo com quem todas as peccadoras sympathizam, e à cuja guarda se submettem.

— Anda lá, maganão! Quem foi rei nunca perde a magestade; quem sente a falta que causam tuas extraragancias é o pobre do convento.

— Está bom, capitão; guarde segredo.

—

— Amigo, venha cá, V. accumula dois empregos, nunca prevaricon?

— Não sei disto; não sou illêo, que é geado da terrinha que nos faz tanto mal, e que acaba escandalosamente.

— Bem, V. não se lembra d'um administrador interino de certa mesa de rendas que tinha um livro de talões que desappareceu, ficando elle alcançado com a eaza da fazenda?

— É novidade para mim.

— Pois não conhece? é um sujeito que disse, que lhe tinha desapparecido o livro, porque lh'o tinham comido umas cabras que em caza lhe entraram.

— Ah! sim! ja sei; mas guarde segredo; não hote o homem a perder, capitão.

— Bem; mas hei de dar parte ao inspector da thesouraria provincial que V. exerce o emprego de escrivão de collecteria e de secretario da camara.

—

— Venha cá, meu tratante!

— Prompto, capitão.

— Para que V. desempregou do theatro aquelle pobre pae de familia, porque lhe



foi reclamar o paga, dizendo que já tinha no theatro quatro mil reis, e devia V. attender que não lhe chegavam tres?

—Capitão, por quem é!!

—Ora vá-se, meu gallego, que nós temos contas a ajustar, e breve.

### Declaração.

Tendo, por um intermedio d'um nosso amigo, nos pedido o Sr. Henrique da Rocha Paranhos, para declararmos não se entender com elle a publicação que no nosso numero 51 sahio em que se tocava no nome de Henrique—declaramos que sabemos todos quem é o Henrique alli alludido, morador nos proximidades do curral do conselho, na cidade e capital de Latronopolis.

### LA VAE VERSO.

#### Bomba ardente.

Barão do Porto, que é isto?  
Que taboca grande assim!  
E' da caballa o diabo,  
E' nhonhô Chico Quinquim.

E' o diabo dos brôas,  
Que meus cavallos desejam;  
E' certa sucia de brutos,  
Que meu nome ahi praguejam.

Iskou, fiau, puff, puff!  
Tomou taboca nhonhô!  
Que forte ruido ouviu-se!  
Que forte bomba estourou!

A bomba alcançou de veras  
Ao grande peixe do mar;

Resto-lhe agora na cama,  
Que é logar quente, chover.

### Estouro.

Que teve o Rocha Vianna  
Que um grosso bambú levou?  
E' que o ovo da gram pila  
Não teve gala, gorou.

Desta vez ficou por baixo  
A partilha do leão;  
As outras tres freguezias  
Não lhe dão gorgeta, não.

### A PEDIDO.

#### União.

Com este titulo se está querendo alfundegar um trapiche, que com quante figure nelle um só individuo, com tudo, segundo cons'a, pertence á uma sociedade de taberneiros!!!

### ANNUNCIO.

Na typographia do Sr. França Guerra ao Aljube vende se passaportes á 80 rs.

Pede-se ao Gato maratheiro que deixe-se de importunar os moradores do Engenho da Conceição com suas cantarolas e seu violão; basta que faça como o Gregorio que passa fora de horas sem ser visto.

#### O Ama Seca.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericórdia n.º 17.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 18 DE MARÇO DE 1864.

N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, participando-lhe que na Estrada Nova em seguimento á casa do coronel Carvalhal, na casa que se está construindo do Sr. Thomé, tem logar diariamente pancadas em tão larga extenção que os moradores da rua dos Capitães, muito distante, contra isso se conspiram, chegando até um delles a acenar com o lenço, e o dono, da obra a reprehender os Srs. operarios que tão mal tractam aos seus discipulos; o que vê S. S. que é um abuso que deve ser extincto, um crime que deve ser punido, e quanto antes.

—Ao Sr. subdelegado de San-

Anna para que mande chamar á sua presença o preto João, morador contiguo á casa do coronel M. J. de A. Couto para mandal-o para o centro das areias das Armações para melhor poder desinvolver suas bruxarias, e não continuar a affrontar civilisação desta terra com os adjantos de africanos libertos e escravos, de crioulos, pardos e brancos, que vivem toda noite a incommodar a gente com algazarras e tabaques, bocas de potes e cuias & &.

—Portaria ao Sr. fiscal geral ordenando-lhe que quanto antes apresente ao publico o relatório das suas visitas ás freguezias de fora da cidade, pois que me dizem que se não dá S. m. a tal trabalho, desfuctando em santa paz as delicias desta Capua.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá

ao Julião Careca na rua das *Janellas* do Carmo, e conduza-m'o ao porão do *Alabama*, para ver si se deixa de mercuriar certa madama de botões que simultanea, mas honestamente se diverte com um pianista e com um empregado publico, que lhe rondam o portão da fortaleza. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá a casa do João Bolexão, á rua do Coqueiro, e intime-lhe que já que disso não cuida a camara, se faz preciso que o mesmo faça quanto antes sobrestar ao desagramento para a rua de matarias feccas, provenientes dos burros de uma cavallariça que em sua esza creou. O que cumpra.



—Que synagoga é aquella?

—E' uma socia de *formigões* que querem reviver a inquisição; o presidente é aquelle magano velho, intimo amigo de um certo Jacintho, seu primeiro *homem*— que nos sertões do Maranhão encontrou lindas cabocolinhas, cuja gordura fazia-lhes estalar o corpo ao menor contacto.

—Oh! que guapo moço! E aquelle outro que calça meias da cor do diabo?

—Oh! aquillo é meninorio de mão cheia; depois de servir no *geral*, está agora no *desembargo*; tem defeitos como o mais safado pelintra de quitanda; joga, bebe, é devasso, avarento, seductor, in fame no ultimo grau.

—E aquelle outro cabocolo?

—E' um sacco de votos; V. Ex. bem o conhece que já andou com elle ás voltas.

—Aquelles outros?

—Um é o *Serpente*, outro é um *Vão* que appellidam de *Este*; aquelle é uma *rocha*, este é *castanha*; são todos uns camellos safidos, são mesmo uns *judaus*, apesar de estarem envolvidos avec *amour* no tempo da Quaresma.

—E que diabo fez o presidente que apresenta um ar de quem lhe está a consciencia a morder, mas sempre orgulhoso, carrancudo e rancoroso?

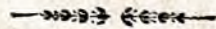
—E' que uma intelligente pessoa que não renegou sua religião pela *judica* foi destituída acintosamente d'um logar que lhe competia por direito, adquirido por seu talento e virtudes, e pelos seus serviços de longa data.

—Ah! conheço-o agora! é o honesto e casto homem, cujas irmãs lhe vão mudar a camisa, quando se despe!

Forte patife!

E' mais uma alma que o diabo ganha!

—Perdão, capitão; é mais uma sucia de diabos que o inferno tem!



—Capitão, que rebeldes! não me qualificaram; disseram-me que estava louco.

—E que lhes disse Vm.?

—Chamei-os piratas e rebeldes. Roubaram meu direito, transgrediram a lei.

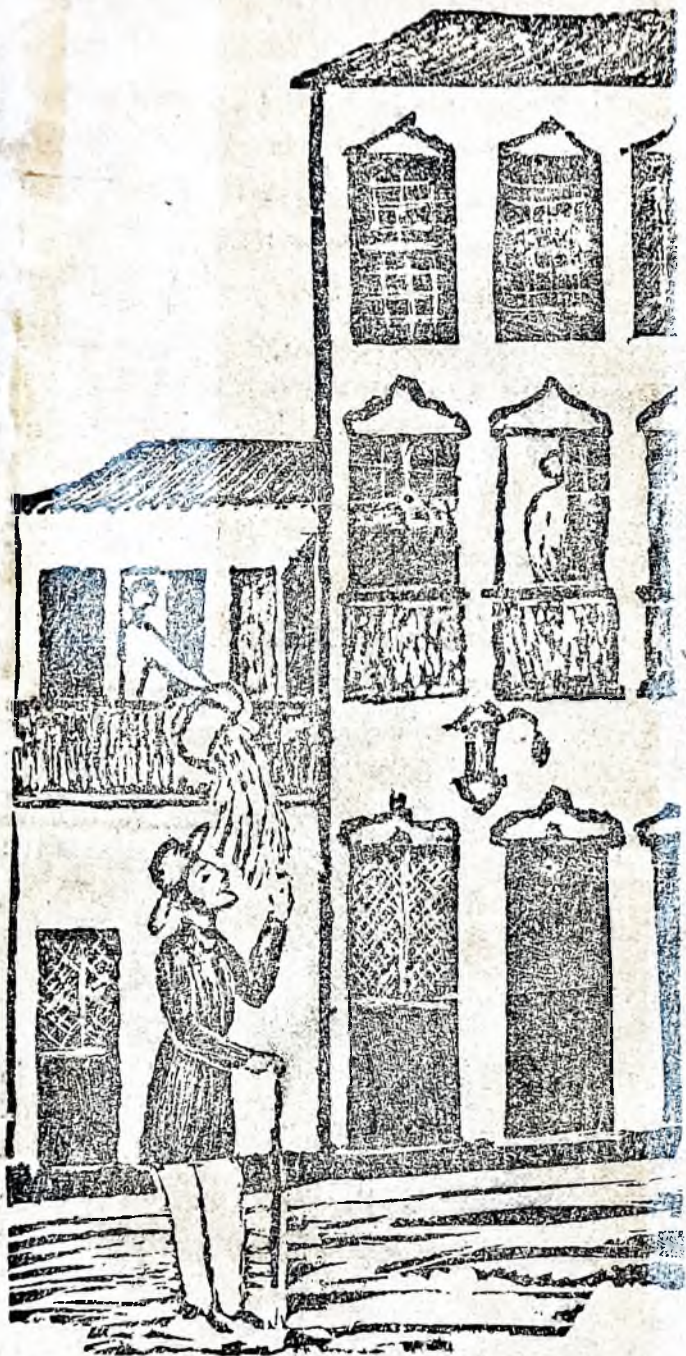
—Fez bem; agora vá ao conselho municipal de recurso.

—Sem duvida; mas antes disto, fallei até nos... mães, paes, irmaas em tudo fallei. Fortes patifes! Qualificaram uma mulher e negam o direito aos homens.

Foi para tirar geração da liga, disse-o em membro.

—Mas não insulte assim aos homens, meu amedido, que é feio.

—



—Sr. Freitas, que caldeirada foi aquella?

—Foi agua do céu que lavou-me a cara.

—O Sr. está com dores de cabeça? Está um cheiro de amoniaco!....

—Qual Sr.? foi mijo que lhe deitaram na cara.

Põe-se alli a namorar escandalosamente e o visinho despachante que já não o pode aturar fez de Pedro-Malas-artes, fazendo com que chovesse daquella penico.

—Aprenda á sua custa, meu charo.

—

—Guarda-marinha?

—Prompto, capitão.

—Que sujeito gordanchudo e com ar de muito serio é aquelle que var todo empinadado?

—É aquelle escrivão, capitão, que tomou os 8\$ do moço para ficar em deposito por conta dos trinta e tantos mil réis que elle está devendo áquelle sujeito que tem venda na Estrada Nova.

—Traga-o cá para ajustar contas.

—Ei-o, capitão.

—Então meu gorducho escrivão me conte como é este negocio dos cobres do moço?

—Sr. capitão tenha dó de mim foi... foi... eu lhe conto... ouviu?

—Vamos, nada de demora; tanta não teve V. para receber os cobres.

—Um moço deve trinta e tantos mil réis ao vendelhão e como foi chamado a conciliação ficou de dar o debito d'ahi a 3 mezes, e findo o praso sem tel-os levou-lhe 8\$000 e elle não quiz receber, então o moço depositou-os em minha mão; depois foi com mais 8\$ e pediu a um amigo do vendelhão para fallar-lhe a ver si elle aceitava, pois ja fazia 16\$ com os 8\$ que estavam em meu poder, ao que annuiu o credor e mandou que o moço viesse buscar em minha mão os 8\$ para elle receber os 16\$.

—E V. entregou os 8\$? E que estava então fazendo?

—Não, Sr. capitão, porque o dinheiro estava em CASA. E eu estava nas quarenta e oito.

—Forte descaração! Continue.

—Depois, capitão, eu disse ao moço que já tinha fallado ao homem para dar-lhe o dinheiro no sabbado e mandei o meirinho no dia 10 á venda perguntar-lhe si elle tinha combinado com o moço receber os 16\$, ao que elle me respondeu que, por condescendencia assim tinha feito, e eu tomei os outros 8\$ que o moço trazia e tenho 16\$ em meu poder.

—E o vendelhão não quer o seu dinheiro? Elle ja lhe passou procuração para V. ser seu tutor?

—Mas, Sr. capitão.... eu...

—Eu o que, descarado? vá ja levar os 16\$, V. que falla tanto, com esta pança toda empinada, grossa bengala e seu valente traviata; eu o comia por serio e ta

destas, espere que já douz lhe o destino que merecem os velhaços.

—Sr. capitão, olhe que eu já fui *cousa em politica* duas vezes.

—Melhor meu patife, ao menos não chega a ser a terceira.

Guarda-marinha, leve este lópa, deite-o sobre a tolda e mande a tripulação passar-lhe por cima da barriga até levar o diabo similliante tratante; atire-o depois ao mar.

LA VAE VERSO.

Latronopolis.

A terra de Latronopoles  
E' a terra dos primores,  
Tem ladrões, tem agiotas,  
E tambem tem escriptores  
Q' vendem seu pensamento  
Tornando-se ganhadores.

Mercadejam pelas ruas  
Como qualquer ganhadeira,  
E fallam da honra alheia  
Como na praça a rafeira:  
Mas logo ficam calados  
Si alguém lhe dó manadeira.

Tem muito ladrão na praça  
Tem muito frade devasso;  
Muita mulher deshonestta,  
Muito marido madrasso;  
Advogados que roubam  
Com todo desembaraço

Tem magistrados corruptos  
Que do mal tendo sciencia,  
Calcem aos pés a justiça  
Por sua conveniencia.....  
Por um punhado de ouro  
Vendem sua consciencia.

Tem padres muito immoraes  
Hypocritas, té phariseus  
Que commettem desacatos  
Na propria casa de Deus;  
Que o vendem todas as horas;  
Como si fossem judeus.

Tem certo club que tira  
O direito de quem tem,  
Para dal-o, immerecido,  
A um, que mais lhe convem;

Sem a menor cerimonia  
Calcando a lei com desdem.

Bomba ardente.

Que caso tão bello!  
Que caso excellente!  
Que caso gallante,  
Que espanta a gente!

O filho da mitra  
Taboca tomou!  
Sem assento Bianchi  
Tristonho ficou!

Pontapé de estouro,  
Levou *Popular*.  
Iskou, meu papalvo!  
Vae gazetear!

R. A. S.

A PEDIDO.

Sentido, Sr Varella, com o  
Cazuza, que anda nas suas pisa-  
las, e não lhe deixa pôr o pé em  
raão verde: Si o Sr sahe, elle  
entra; si o Sr. entra, elle sahe.

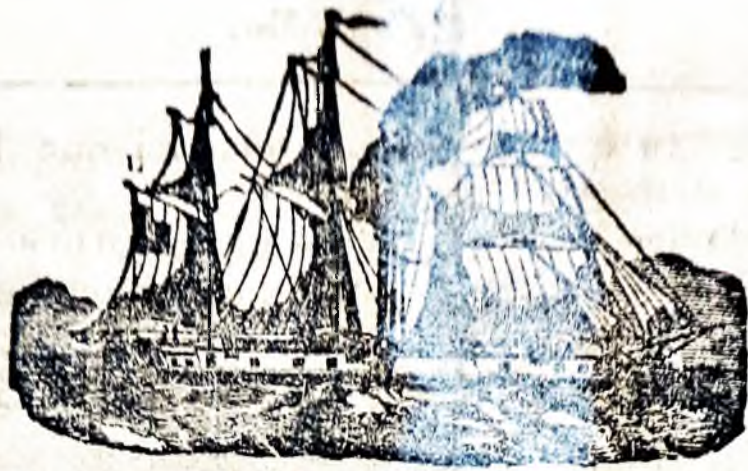
Florinda.

Pergunta-se ao empresario da Companhia  
Dramatica a razão porque illude ao pu-  
blico tão escandalosamente, dizendo e an-  
nunciando que reduziu o preço dos bilhetes  
de platéa a 1\$, quando só por 1\$500  
e 2\$ se os compra, dous dias antes da re-  
presentação?

Não pode ser só effeito dos cambistas pois  
elles andam a dizer que os tomam para in-  
fluir a rapaseada, para proteger a compa-  
nhia &c., &c.

E depois consta que havendo ordem da  
policia para serem conservados 50 bilhetes  
até a noite da representação, S. m. não a  
tem cumprido, e diz que o que quer é di-  
nheiro.

Em todo caso, é tão bom o ladrão como  
o consentidor.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 19 DE MARÇO DE 1864.

N.º 36

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 17000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra os cambistas de bilhetes do Theatro, cujo desaforo tem subido a ponto de dous dias antes da representação não haver quem seja capaz de compral-os sinão por 2 e 3 mil réis, quando o empresario os annuncia a dez tostões

— Ao Sr. Subdelegado do Rua do Paço, idem sobre um sujeito de nome Xavier de Pitta que mora ao Taboão, o qual vive, a janella e na porta, a fresca, e em habitos menores a affrontar a moralidade publica.

— Ao Sr. subdelegado do San

Antonio, idem sobre um certo Amorim, creio, que guarda de cavallaria, morador ao Rio das Tripas, o qual maltracta com brutaes pancadas uma sua filha de onze annos, *sabe-o elle porque*, como na segunda feira 14 do corrente succedeu, fazendo parar a diversas pessoas que passavam; o que tudo pode informar quem pelas immediações morar.

— E' já chegado o dia de Junho?

— Não; ainda não apparece o anti-christo.

— Mas como é que tanta gente es de letreiro ás costas?

E' porque o empresario do theatro mandou numerar os assentos na vespera da 1. recita e ficaram todos mascarados.

— Olhem que agora tudo se vê!

—V. nunca passou pela Matança?

—Eu não, o Deus me livre; passar pela matança é não tornar com vida, salvo erro.

—Ora viva! Pergunto-lhe si nunca passou pela rua que do Curral vai ao Barbalho e que tem o nome de Matança.

—Ah! sim! veja onde eu estava!

Tenho passalo e sei até porque já vi, que ha alli uma excellente fazenda, que pertence a diversos, e que só um possúe, servindo tambem de couto e asylo aos presos fugidos.

—Pois é justamente disto que eu fallava. Está alli um menino-rio subido a recrear-se, a desfructar, a brindar os amigos, e os herdeiros a chucharem o dedo.

—Mas é que a culpa não pode ser sinão dos herdeiros, que se deixam levar por considerações com prejuizo proprio.

—E' porque o menino-rio tem dedo para a cousa. Embargos, desembargos, vistas e revistas, e nada de partilhas, e os herdeiros a olharem o signal.

Si lhe faz conta!...

—Guarda-marinha vá pegar-me aquelle moço, e dizer-lhe...

—Qual! mande pegar os herdeiros que são os culpados.

—...que deixe-se disso; que isto é feio, que os outros não tem T na testa&&

—Sem mais demora.

—Si respingar, conduza-me.

—Mas, capitão, com que direito faz elle isto?

Não é elle o 3.º testamenteiro? Por que hermeneutica se inter-

preou a lei que lhe deu tal direito?

—Isto lá não se; os herdeiros que lhe respondam.



—Capitão, V. Ex. que de tudo sabe informe-me si ainda exista o tribunal da Inquisição.

—Que fim tem sua pergunta?

—E' porque queria saber si ainda estamos no tempo em que os *barões*, os Srs. feudaes faziam e desfaziam, matavam e martyrisavam, sem dar contas de seus actos.

—Mas porque pergunta? Esteve acaso a dormir todo esse tempo? Não sabe que a epocha é de progresso, liberdade, humanidade etc., etc.?

—V. Ex. não está a ver este quadro desolador que se nos apresenta? Aquella pobre mulher, maltratada, surrada assim, com o pescoço no tronco naquella afflictiva posição?

—Ah! fallaram-me nisso. E' a Corina, que tudo aquillo soffreu por um supposto roubo de colheres!

—Grande DEUS! Valha-nos S. Francisco!

—Ah! ah! esse nan son bon, esse nan tá deureto, minha oubido tá predido, capitão!

—Que diabo de gritaria é esta? que te aconteceu?

—Ou! capitão nan sabê, sua patriço mémo, gente di tera de branco qui fazê esse; anani tudo quequeré tá cum coisa cumprido ni boca que blanco xama sobia, tá fazê fofoufoa ni rua tudo, nan deixa ninguém sucéga; cabeça de gente turo tá como freno, esse nan son bon; poriga tá oubi mai non protá. Ein? que tera de branco é êsse qui anani turo tá fazê qui queré té minino tamen? ah! assim nan tá bon; capitão ha de deixa iô gara malandêo tudo, quebra subia de elle e traze marado pra *Labamba* pra toca um surra ni bunda di elle.

—Como é delicado o moço! Não sabes que festeja-se no domingo o triumpho de Christo em Jerusalém?

—Ah! tá deureto; mai capitão pera, iô qué crugunta um côsa; capitão predoa, pra que seive êsse?

—Pois não sabes que, quando Jesus entrou em Jerusalém o povo juncava o caminho de flores e entoava hymnos em honra ao Senhor? É por isso que os padres inventaram os assobios para melhor fingir.

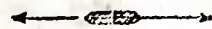
—Ah! iô já prendê, mai capitão, quando Santa Bariba tá falla ni ceo e qui ma paxero tá canta, prué blanco nan gussa, tá dizê qui negro tá buro, tá cabalo, tá bessa? tamen blanco tá buro, tá cabalo, tá bessa, prué toca subia pra Nansenhô.

É ripoi, capitão, fessa é romingo crei romana ante oubido de anani tá trapaiado. Poriga nan pode fazê menino quebra subia?

—Possa ou não possa, debes calar-te, que não são teus ouvidos os mais delicados.

—Vredade, capitão, mai ri domingo, capitão manda iô pro um commissão corqué; iô nan gussa de demonha qui nan falla

quanto mai ri demonha que sabe musga, qui toca, qui subia, qui grita, qui juga pedra, qui tá demonha prefeito. Capitão bon sabe que quequeré tá demonha, e demonha tan forte qui demonha nan gussa di ere.



—Venha cá meu atrevido gallego! O negocio é com V.; lá o companheiro seu, o enjo com o qual tratava V. a meu respeito, o conhecido Granada, a melhor resposta é o desprezo; revolta tanto desfaçamento a quem tiver o menor vislumbre de vergonha.

Que fallava então V., no dia 13 na Praça?

—Eu muito e nada; muito a respeito de todos, nada a respeito de V. Ex.

—Além de infame, cobarde! Fallaste da vida de todos, e occupaste-te do *Alabama*!

Pois quando quizeres, safado gallego, desprezível Cupido de borra, Adonis de broa, Narciso daquella desprezível Echo das Quartilhas, vem! Si és capaz, vem amassar os typos da typographia, os chumbos, como tu chamaste, que com pés de chumbo te havemos de amassar a cara, gallego d'um dardo!

Invocas a rapazeada!

Que rapazeada se mistura com a trampa de Lisia, com a escoria da Gallizia? Bruto, azemola desprezível, desaforado Zé, quem unca te deu importancia, ridiculo capão!

Muxingueiro, com calabrotadas na cara deste patife! fogo de riço!



—Sr. Macassar, V. porque é tão descarado? com esta bonita prosapia, com este ar imponente, com toda esta pompa, tão garboso assim!

—Que ha? desafio a quem me descubra defeitos.

—Espere, não se altere, meu



meço, principiemos pelo mais recente.

— Quero ver.

— Negreiro, infame e descarado, tu não estiveste, ha pouco, preso no Rio de Janeiro, por ladrão?

— Quem? eu não!

— Pois, safado, tu não levaste uma porção de escravos á venda para o Rio á titulo de creadas? Não os impingiste lá? Não quizeste furtar os direitos da fazenda? E que te succedeu, tratante?

— Ora, ora, capitão! pensei que V. Ex. não me conhecia.

(Continúa)

## PARTE COMMERCIAL.

PRACA DE LATRONOPOLIS 18 DE MARÇO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

### REVISTA SEMANAL.

*Advogados*:—Ha abundancia, posto que a questão Passos tenha absorvido grande parte.

*Boa fé*:—Ha muito que não ha no commercio.

*Bebedeiras*:—As do Zé Maria 2 de Julho que eram de pessima qualidade melhoraram depois que foi chamado á policia.

*Descomposturas*:—Cum a demora do *Mohican* vai se sentindo alguma falta.

A demora deste navio tem causado inquietação. Dizem uns que soffreu uma explosão, pela indiscrição do dispenseiro Olegario ao abrir uma pipa de cacaca; outros que a demora é proveniente da falta de carvão e mau estado do navio.

*Injustiça*:—Aos montes. Foi vendida em leilão uma partida que consta serã exportada para a Moritiba.

*Merito*:—Não ha verdadeiro. Algum que apparece é falsificado.

*Sabedoria*:—A galera *Eleição por circulos* trouxe alguns fardos em pequeno numero. Sente-se por tanto alguma falta.

*Testamentos falsos*.—Chegou no palleto Bragu uma partida. Está depositada no armazem da *Fonte Nova*. Ignoramos por ora a procedencia e consignação. Na seguinte revista estaremos melhor informados.

*Trampolinas*:—As mais recentes no mercado são fornecidas por uma sociedade representada por Anjo Bonecos. Estão expostos nos arcos de *Santa Illustré*.

Consta-nos que houve um contrabando o brigue *Vasconcellos* que vinha carregado com *sellas* e *arreios*, manifestou na sua carga *livros* para advocacia.

## IMPORTAÇÃO.

### MANIFESTOS.

*Canhoneira Municipal*, 1,000 cabeças de carneiro, 4,000 chifres de bois mongas, mortos para consumo.

## A PEDIDO.

Pede-se a uma Maria que dá horas e que mora lá para o Caminho Novo do Gravatá, o favor de não querer levar á sepultura um pobre caxeiriabo, com quem vive, no balcão de uma venda no Gravatá, a escandalisar os que vão comprar, sob pena de ser remetida para alguma caza que tenha sete portas, ou serem ambos conduzidos á presença do *Alabama* para mandar-lhes dar cinquenta calabrotadas.

Ouvio, Sr. A. G. F?

## ANNUNCIO.

Adverte se á *bolachinha-mata fome* que si for outro dia gritar e insultar pessoas na loja de charutos á rua Direita da Misericordia será immediatamente alistada no regimento da Mata cobra

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 21 DE MARÇO DE 1864.

N.º 37

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 17000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, sciencificando-lhe que no tempo do finado D. Romualdo só eram levados á scena em tempo de Quaresma dramas sacros, ao passo que na administração de S. Ex. que tão zeloso se mostra nos negocios da igreja, ainda depois do domingo da Paixão, na vespere do domingo de Ramos foram representadas comedias, que todos sabem o que são; o que se leva ao conhecimento de S. Ex. que talvez ignore certos usos, salvo si deseja S. Ex. tudo reformar, como apregoam certos atalhados seus.

— A' camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre um buraco que existe na Rua da Ordem Terceira, defronte da casa do capitão Baldaia, e outro na ladeira da Misericordia, os quaes ameaçam a quem

passa com suas liantes fauces, em que de vez em quando se intromette um pé, que ás vezes nao sabe como entrou.

— A' mesma, para que vá visitar a rua da Prata, afim de ver o estado em que ella ficou depois do concerto que se fez, dando lugar a innumeradas quedas diarias, acompanhadas de mill pragmatizações, além de provar muito mal contra as obras desta terra.

— Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que o *João do Relogio* costuma ter uma das portas de sua venda aberta até uma e duas horas da noite; que na noite de hontem, seriam 11 horas, havia em frente d'aquella porta um grupo de mais de 20 sujeitos, em completa orgia; que esse grupo depois de bem preparado e municuido dirigiu-se a casa n. 16, 3.º andar, na ladeira da Misericordia, na qual moram mulheres de má vida, e ali praticou scenas torpes e immoraes, acabando por uma desordem que parecia querer deitar a casa abaixo, podendo S. S. nesta parte, ouvir o inspec-

tor do respectivo quartoirão que ali appareceu. Cumpra por tanto que S. S. mandando ir á sua presença não só aquelles desordeiros, como aquelle vendelhão, façam impor a este as penas que lhe são applicaveis, e aquelles dê o destino que merecerem.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pela segunda vez, para que mande chamar á sua presença os cinco moradores da casa do Dr. Eloy á rua da Prata, que continuam a ficar nus e a dançar neste estado com as janellas abertas, chegando ás vezes á porta da rua, sem respeito ás famílias da vizinhança.

—Ao mesmo, participando-lhe que na Estrada Nova, fundos da roça do Sr. commendador Couto, tem todas as tardes lugar uma jogatina entre uma porção de sangueiros e carroceiros portuguezes que alli se ajuntam, acompanhada de inauditas palavras e acções immoraes.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao becco do Padre Bento, e dê as providencias que julgar necessarias para cohibir os abusos que me noticia a policia secreta. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Alvo, e procure por alli uma certa Quiteria, crioula que me dizem ser casada, a qual gamou uns trinta mil réis d'um certo moço, que tem loja de funileiro lá para as bandas de Santo Antonio, e que isto me requer. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a uma tenda de funileiro ao Taboão n. 26, e conduza á minha presença um crioulinho de nome Aristides que alli ha, affim de ser interrogado sobre a causa do aleijão que apresenta, pois informam-me ser elle occasionado pela deshumanidade de sua madrinhã de nome Martinha, moradora á Barroquinha, e vendedora de peixe, que met-

teu-lhe a mão em uma panela de estada feyter; facto de que quero ter pleno conhecimento para reclamar as providencias que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo dos Mares a Calçada do Bonfim, intime ao A. O., conhecido pelo meirinho de ceremonias, que deixe de estar desacreditando a moça, usando de uma excessiva franqueza em casa de sua mãe viuva; e que quando quizer ridicularisar a cabelleira de Carlos Esteves, mire-se antes a um espelho, e veja que de maio a abril não ha que rir. Na mesma occasião advirta ao ex-censurador que seja energico e não consinta que se faça delle pau de cabelleira para o descredito de sua irmanzinha!

Finalmente intime ao Chiquinho, que trate de criar de novo as barbas; pois o cavali-gnac em cara de saguim além de tornal-judas não pode commover a ingrata, que o despresou por preferencia a seu especial amigo, ultimamente chegado dos pastos do Mar Grande; o que tudo lhe communique a requerimento do tenente, sem ser o Portella. Cumpra.

—Tendo ja me constado que certos sujeitos affiançam que se tem recebido dinheiro para não tomar-se contas a quem as tem, ordeno-lhe, guarda marinha, que mande affixar por todas as esquinas editaes, em que se declare que negocios desta typographia só nella são tratados; que tudo mais é especulação de canalhas e infames, ou mesmo plano para desconhecitar a redacção. Em todo caso pegue Vm. os especuladores e os calumniadores e conduza-nos, que muito tem com elles que fazer o muxingueiro.

—Ja e ja.

—E diga sempre, faça constar ao publico que no Alabama ninguem responde

por vethacadas albeias; a typographia e na rua Direita da Misericordia n. 17; quem quizer que appareça; quem notar alguma acção menos digna a ella não se sujeite, ou exija recibo, documento, sob pena da formal declaração de ser tido por um infame calumniador, um miseravel e desprezivel, indigno de prestar-se-lhe attenção, si o não exhibir.

Va ter com o escripturario e avie-se.

—Ja, capitão.

—Sr. Bigode de ferro, onde vae a estas horas, tão surrateiro, pela rua do Carmo?

—Conversar com um amigo.

—Para que mente? Não vae V. á casa de seus antigos relojoeiros acertar o relógio?

—Vou capitão; mas não é meu o negocio; vou receber o relógio de....

—Sim, sim! acertam-se vossês ambos por uma so pendula!

A' proposito, diga-me como foi aquelle juramento? foi verdadeiro?

—Que duvida!

—Tanto como aquelle que deu vossê para perder aquelle seu amigo e benfeitor. Além do mais, testemunha falsa!

O sabbado d'alleluia está breve; não lhe digo mais nada!

—Que diabo de *estralada* foi aquella no Maciel de Cima, no dia 18 do corrente?

—Foi um doutor armado que deu em espadaachim. E não pensem que o armado é pillheria; vinha tão armado, que o chapéu de sol furou a testa d'um pobre moço, que ficou lavado em sangue; o Bacellar da botica viu, e provavelmente algum medico da Santa Casa, para cujo hospital por fim se dirigiu o moço.

—E quem lhe contou isso?

—Eu que vi; *desapartei* até o barulho.

—E que providencias tem havido?

—Que eu saiba nenhuma.

—Guarda-matumba, mande levar um officio ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe o occorrido e exigindo, em nome da segurança individual, as providencias que o caso requer.

—Ora, capitão, pois os doutores não renegaram a charidade!

—É que tem isto? Ha muito que a renegaram os padres. Tanto assim que o Figueredo Leite está importando charidades da *Estranja*.

—Que quer dizer?

—E' que estão a chegar irmãs da charidade para educar os orphãos brasileiros que desde o João de Mattos ficaram no mais perfeito estado de selvagem ignorancia.

E depois vem até um padre para o cemiterio, porque nem para encommendar defuntos os brasileiros tem prestimo.

—Mas o que ia eu dizendo era que os doutores já não curam doentes pobres.

—Pelo contrario; não ha annuncio de medico que não traga *consultas gratis aos pobres*.

—E entretanto quando são chamados, perguntam em primeiro logar quem lhes paga o trabalho.

—Tambem os padres fazem disto; é até lei canonica que não exponham seu trabalho, o de dizer missa por exemplo, ás eventualidades de um calote.

—E a dar com os padres! Ora, boas noites, meu charo!

—Emfim diga o que sabe.

— Um certo doutor que arca a mim (arque ao diabo) passou por uma caza, no momento em que tinha uma syncope um enxeiro e chamado para medical-o, procurou saber de quem haveria a paga, e sendo inteirado de que isso fal-o-hia a caza, sangrou o doente, findo o que, na mesma hora, exigiu 50 $\phi$  rs. que recebeu, quando, depois de certas considerações que lhe foram feitas, modificou o seu *pro-labore* em 40 $\phi$ . modificação que não accitou o patrão do moço interior!

— E que quer que lhe faça?

— E' que depois andam a metter empenhos, a allegar serviços, a pedir protecção e a intrincheirar-se na sua probidade e na utilidade das bestas em que se montam!

— Deixal-os fallar que elles calar-se-ha-se-hão.

— Gallego, então tu disseste que desejavas ter toda a collecção do *Alabama*, para o que?...

Com tua lingua damninha é que ha de toda tripolação limpar o az.

Tu ja te não lembras porque sabiste do commercio? eim, tratante?

Tu ja te não lembras d'un muzico a quem mataste com um pontapé? eim assassino?

Tu ja te não lembras d'un pobre homem a quem desempregaste? eim, malvado?

Ora, vae tocar teu assobio e a noite vae te emborrachar na venda por baixo do hotel Figueiredo, ponto certo de taas bebedeiras. e diz que eu te engano!

Ora, dize-me safado, porque andas a guerrear la para a cidade baixa a um teu colega d'arte, em certa sociedade, onde en-

tra, a ponto de lhe tirares, o que por contracto lhe pertence?

— Ora; capitão! Isto não pode ser sioza intriga....

— Muxingueiro, fogo neste labrego; por cada palavra que ousar proferir na minha presença, uma de rijo.

## A PEDIDO.

Pede-se ao Sr. fiscal da Sé que vá incontinentemente às tendas de todos aquelles ferreiros contiguos ao quintal da casa n. 20, à ladeira da Misericordia, e multesos, um por um, pelo desaforo, que tem de fazerem do dito quintal monturo, deitando todo o cisco e lixo de suas tendas, pois o dono ja não pode mais atural-os, tendo ha pouco gasto perto de trezentos mil réis em desentulhar.

Adverte-se ao Sr. Firmino, alfaiate, que não seja, tão grosseiro e insolente com os que vão a sua loja, principalmente quando vão á chamado do mesmo, como praticou no domingo, reunido com o seu inseparavel *Bigodeiro* e o celebre João; e isto, por se lhe advertir que não deve dar os escandalos que costuma praticar em sua loja.  
Bahia 20 de março de 1864.

*Ambrozio Mendes da Conceição.*

Então, Sr. empresario, he bico ou cabeça?

Um homem foi no sabbado á noite ao bilheteiro e pediu um bilhete para comprar.— Não ha mais, respondeu este. Voltou o homem para sahir, e mal tinha dado dez passos, chama-lhe de novo o bilheteiro e diz; aqui tem um, e apresenta alguns bilhetes!

Onde os foi buscar? O que me parece é que si o Sr. não é da escola do general Manteiga, é bastante cassuador.

*A pilula dourada.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 23 DE MARÇO DE 1864.

N.º 58

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, participando-lhe que na noite de 18 do corrente fôra barbaramente espancado o cidadão Bernardo Severiano da Rocha Pires, empregado na secretaria do governo, quando pacificamente se dirigia da rua da Falsa para a do Fogo; que ha provaveis indícios de que um escravo da familia do Sr. José Silvestre, morador à Victoria, fôra o instrumento de que se serviu *alguem* para semelhante attentado, e que dá-se como motivo negocios eleitoraes; o que se leva ao conhecimento de S. S. para que proceda com todo o rigor da lei contra os culpados.

--Ao Sr. capitão do Porto, participando-lhe que é grande o escandalo nos seguintes caes: Raymundo da Paz, Amarras, Cal,

Mandega e S. João, proveniente de que vivem os saveiristas a atrapalhar as pessoas que se desejam embarcar, com importunos pedidos, agarrando-as e puxando-as, assim como aos ganhadores que conduzem os trastes. O que é um abuso; o que se não dá nos caes do Commercio e Dourado; o que não deve continuar.

--Ao Sr. subdelagado de Brotas, pedindo-lhe que mande chamar à sua presença um taverneiro que alli ha, o qual me dizem que tomára diversos objectos da mão de um escravo do Sr. José Carlos mediante a quantia de 5\$ rs., recebendo do mesmo de premios mensaes a quantia de 1\$280.

←————→  
--Que galleguito é aquelle que vem de luneta?

--Pois, capitão, V. Ex. não conhece o maior tratante desta terra?

--Como chama-se?

--Ignoro, nem sei mesmo o que é, si caixeiro, socio, ou administrador de duas

lojas, cujo dono passeia pelas europeias, excellentes firmas, divino por, a quem Deus fez e o diabo ajuntou.

É um refinado patife, que tendo raptado a sobrinha do Sol, linda estrella, que refulgia neste ceu americano, deixou-a brutalmente, e vive agora da porta da tasca a espreitar outras estrellas; no que dá os maiores escandalos.

Em algum tempo os pedestres encontraram-no muitas vezes convertendo os Cobertos em Sodoma; boas treçadas que então tomou do amo!

—Sei já quem é; vá buscá-lo, Mané-Bahia!

Então, gallego, que escandalos são estes? Tenho de ti immensas queixas! Audas, a fallar dos outros, e não te lembras de quando chegaste da *santa-terrinha*, de quando foste criado, de quantas vezes fugiste, de quanto cobre por tua causa gastou teu amo com os pedestres? Já te esqueceste de quando foste cair em um navio, onde tiveste as honras de cosinheiro, do que ali soffreste, de quando chegaste a Costa de Africa, de tua volta, como criado, empregado na fachina? Já te esqueceste de quando aqui chegaste de pés no chão, de camisa e calças de aninhagem embreadas?

—Capitão, por piedade...

—E como vives a fallar de todos? Então para ti não ha mulher donzella, nem honesta?! Ah! refinado biltre! está a dar-me vontade de metter-te os pés na cara e quebrar-te esta luneta.

Muxingueiro, cem calabrotadas na cara deste patife!

—Capitão, por piedade, estou doente; poupe-me por ora.

—Eu sei disso; e tanto que sempre te vão visitar a Mata-fome da Saude e aquella pobre pardinha sua sobrinha, cuja visita te dá tão grande allivio que chegas logo à porta de tua espe!unca, garboso e ufano, prazenteiro e tolo, desafortado e besta.

Muxingueiro, nada de demoral

(Continuação do numero 34)

—Capitão, eis aqui o patife do gallego estava escondido nas saias desta peste que tanto afflige ao pobre do homem, cujo sangue este patife suga, cuja fortuna este tratante devora: julguei acertado trazer tambem a firma.

—É porque me não trouxe tambem o subtil que anda dizendo que foi o pobre do homem quem informou-me destas ladroeirias? Queria pegal-o cá.

Mas enfim, gallego, que é o que se dizia no dia 4 do corrente à porta do Forum? Que so estavas à espera do ultimo accordo?

Pode ser que venças, porque enfim ... e dinheiro.... o dinheiro.... IN HOC SIGNO VINCES.... mas hei de te fazer as contas...

Hei de saber do nome dos cujos, e basta; o exemplo está dado; tanto cobre o diabo que por fim descobre. Ha de apparecer quem siga o exemplo do Cansansão e os tratantes lião de soffrer, fiquem certos. Mau grado as ideias, a necessidade, a conveniencia, o bem publico ahí estão.

*Salus populi suprema lex.*

Estou à espera do desenlace, e V. meu patife, emquanto não chega a hora, o *dies iræ*, ficará amarrado costas com costas desta mulher perversa, mettidos ambos os seus pescoços na golilha, levando de hora em hora cinco calabrotadas!

—Misericordia, capitão! V. Ex. não acabou de fallar mal d'uma inquisição que houve ahí por certa casa de grande? E como obra comigo esta barbaridade?

—E tu és gente, gallego? Tu tens alma, consciencia de burro?

Camaradas, mãos à obra!

—Que barco tão cheio é aquelle que vae ali por aquella Costa em direcção ao Mar grande?

—E' uma sucia de tratantes

usurarios que roubam o suor dos desprotegidos da fortuna, dos pobres orphãos desvalidos e das viúvas sem arrimo; uma canalha de agiotas que dariam, como dão, a honra pelo ouro, o credito pelo calculo.

— Bem; havemos ir até lá fazer lhes uma visita.



— Aquelle sujeito tem tenção de fazer judas?

— Porque?

— Porque anda pelas ruas com aquelle menino atraz a apanhar molambos.

Ora, ora! E' para fazer bonets; é aquelle sujeito de cabelleira com quem já andou V. Ex. ás contas.

— Meu moço, este recibo que V. apresentou é verdadeiro? é genuino? tão candido assim?! Aquellas quatro assignaturas são proprias? Parecem-me letra de quem está com mal dos lazarus.

— Já paguei, desde novembro.

— Pois olhe, si V. quando esteve em Vianna aprendeu a mentir assim, a mim não engana. Eu não quero dizer que V. commetteu um estellionato, mas é bom que não continue.

— Este diabo terá policia pelas casas alheias?!

— Que diz?!

— Nada, capitão; digo que vou tractar de pagar ao moço.

— Faça disto, e diga que lhê engano.

— Oh, tratante!

— Prompto capitão.

— Dizem por ahí que V. acaba de fazer um arranjo, falsificando um testamento, e fazendo outro a seu geito, que dê em resultado uns cobres em seu proveite e com prejuizo da verdadeira herdeira, que é uma pobre creoulinha?

— Eu não sei de nada, capitão.

— Então patife V. não sabe? Não foi em sua casa que morreu ha dias o professor de sciencias cabalisticas que sendo turibulo só se prestava a devassilões e immoralidades?

— Ah capitão, morreu, é verdade, em minha casa um preto muito meu amigo, e que era muito bonitinho por ser papae de terreiro, porém sobre arranjos de cobres eu de nada sei.

— Então não sabes de nada, en te applicarei o conveniente castigo, meu enrolador de torcidas.



—Capitão, não me bote a perder, agora já me lembro..... que... sim, capitão, não foi por minha vontade que isto foi, e sim por conselhos do *Senhor do Bonfim* e de *S. Gervazio* ..... aquelle pretende casar-se com a rapariga, e este tem muito interesse em que eu administre os bens que deixara o morto, porque assim fica tudo arranjado.

—Porém meu sevandija, que fim dêste ao dinheiro que fizeste por estratégia a preta que morava em casa com o fallecido entregart'o, e que vivia amarrado em um pé de meia?

—Estes cobrinhos, capitão, apenas serviram, para... para... para.... eu... ter... ro... do mor... to, capitão,

—E que pretendes fazer do relógio de ouro?

—Ai, capitão, não me bote a perder que tudo lhe contarei.

—Gageiro de prôa, leva este patife para o porão, que lhe mandarei applicar o competente castigo.

Olhem que este patife amofina com o peixe de muita espinha!

Sabe Deus si não tem alguma geração com *sardinha*! Atirem-no ao mar para ver.

## A PEDIDA.

**Ao Exm. Sr. commandante das armas.**

1.—Supondo-se que um musico do 8. batalhão d'infantaria por errar um compasso, ou nota musical leva vinte pranchadas, e é recolhido ao hospital sem ter a competente baixa assignada pelo cirurgião do corpo conforme as ordens em vigor—

2.—Supondo-se que este musico não foi examinado de saude, e nem tão pouco o medico assistiu ao exame.—

3.—Supondo-se que as ordens imperiaes declaram que nenhum soldado pode ser

castigado sem previamente passar por um conselho peremptori o—

Pergunta-se: É regular este procedimento? Ou o commandante deve responder a um conselho?

(Continúa)

Pergunta-se ao Sr inspector do arsenal de marinha qual o verdadeiro motivo porque foi despedido o official de calafate João Dias Ribeiro da Silva, visto que pessoas mal intencionadas andam dizendo que aquella demissão foi para satisfazer caprichos do mestre da officina, por haver aquelle official votado em S. Pedro no partido da ligaz; e que em seu lugar foi admittido um tal Leocadio que nem conhece as ferramentas do officio de calafate, com um salario muito superior ao daquelle.

& & &

Pergunta-se ao Sr. inspector do arsenal de guerra si é apparelho de espingarda cancro de porta, visto que muitos destes objectos entre os quaes bisagras se fabricam alli.

Não terá acaso porteiro aquella repartição?

O Veremos.

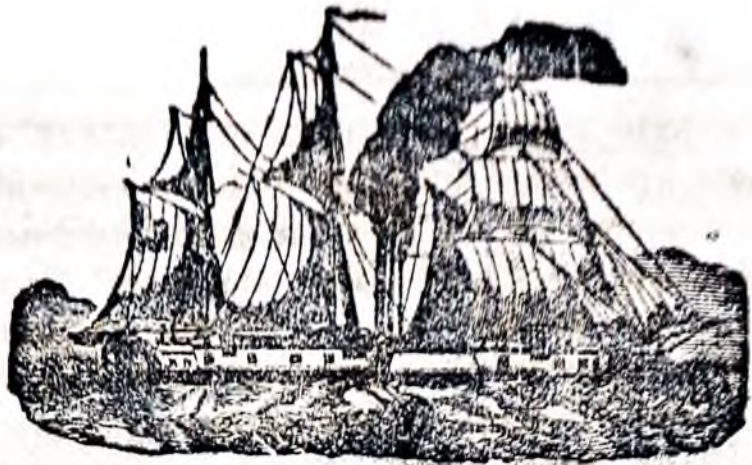
Pede-se ao Sr. Dr. chefe de policia o favor de lançar suas vistas para um celebre Braga, que tem venda à Barrôquinha, o qual, depois de impingir folhinhas sem os mezes de agosto a novembro, nega-se a receber-as das pessoas que lh'as vão levar.

Um logrado.

## ANNUNCIO.

Nesta typographia vende se passaportes a 40 rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 26 DE MARÇO DE 1864.

N.º 39

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 17000 rs. por serie de 50 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de março de 1864.

Officio ao superintendente da Companhia de navegação a vapor — Bahiana —, notando-lhe que deve haver mais regularidade nos annuncios das sahidas dos vapores dessa companhia, para evitar os graves inconvenientes que constantemente se dão, com grande prejuizo do commercio, como ainda na segunda feira se deu com o vapor *Progresso* que annunciando sua sahida de Santo Amaro as duas horas largou pouco mais de meio dia, deixando immensas pessoas logradas,

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe providencias contra um certo Roque, morador ao becco do Soares, que além de incomodar a vizinhança com os alarmas que provoca, teve uma altercação com um visinho e foi, dizem, á noite esperal-o

á porta de sua casa com uma faca, e não encontrando a victima que almejava, satisfez seu brutal instincto matando um caçorinho que encontrou; facto que prova o genio pacifico de quem o praticou.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que nas casis no interior da roça do padre Pereira, á ladeira do Alvo, se dão factos pouco convenientes, produzidos por um certo Vicente que vivia alli no Taboão a insultar a todos, como podem informar os Srs. ex-delegado, subdelegado da Rua do Paço e inspector do quartelão em que residia elle. Ainda um destes dias, 19 do corrente, espancou elle brutalmente sua propria mulher, dando lugar a que acudisse a vizinhança, a quem elle atrevidamente brindou com os mais injuriosos nomes.

Espera-se por tanto de S. S. providencias a respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao africano naturalisado inglez e á crioula salta-balcão

para obrigar-os a vir à minha presença, pois quero saber a razão que teve o primeiro para, depois de arredar a segunda da quitanda do peixe e levá-la para um grande sobrado á cidade Baixa, tomar-lhe todo o ouro que a mesma tinha, mandando-a para a rua a espiar estrellas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao hotel Oriente e intime aos caixeiros e cozinheiro do mesmo que se deixem de immoralidades na sala do bilhar, sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá as lojas n. 13 A e C à rua dos Carvoeiros intituladas o *Reducto*, onde moram mulheres perdidas e homens dissolutos, reus suspeitos de policia, e escravos fugidos, e traga a minha presença essa jumentosa claque, para dar a cada um o destino que lhe cumprir. O que cumpra.

—Que é isto, meu amigo? Alguma taboça em eleição? Onde vae com esta carga de batatas?

—Vou fazer uma cerca n'um quintal.

—E V. é ganhador?

—Não, senhor; sou guarda e camarada do alferes mão de onça.

—Pois assim em plenodia, na rua de S. José! Donde vem V.?

—Venho alli da roça da viúva do brigadeiro Nabuco.

—Ora não sujete-se a isto.

—E a disciplina do corpo?

—Não vem ao caso; isto é serviço doméstico; enfim como é por gosto .. regale-se.

—Adeus, capitão.

—Lord inglez, que moça é a-

quella que estava em sua casa e que V. levou para uma estrada, ameaçando assassinal-a si se não fosse embora?

—E' que eu não estou para aguentar com carga alheia. O paiife do marido que dizem já matou a primeira mulher, mal esgotou os seiscentos bicos que ella trouxe da Misericordia, repudiou-a e adeus minhas encomendas; ella que tracte de arranjar sua vida.

—Ora vejam! quando cazando-se, certos capadocios só tem em vista o dinheiro das recolhidas, quanto mais agora que me informam que podem ellas sair para a companhia de qualquer parente, levando uns trescentos mil rs! Faca idea como não vão as cousas! E' uma caza de misericordia que desinvolve assim a prostituição!

—Nada tenho com isto; não me venha alguma massada, que no mais ande o mundo como quiser.

—E o nome do sujeito?

—E' um Julião que tem cruz.

—E a moça?

—Os poetas é que podem bem saber; é um nome de verso, assim a modo de *Quintilha*.

—Deus tenha misericordia de seu povo, que quanto á da terra....

—Assim é e deve ser.

(Continuação do n.º 34.)

—Dize-me uma cousa; que gabolice é esta de dizeres que tuas filhas só com portuguezes é que

se h o de cazar? Não foi em Laconopolis que foste gente? que chegaste a morar em palacio?

—Mas que quer V. Ex.? quer em duvida que se cazem meus filhos com os naturaes de Laconopolis?

—Foi por isto que desterraste teu primeiro filho e mataste-o de desgostos, não?

—E' talvez por isto que já fizeste o mesmo com o segundo, não?

—E si fosse, era da conta de V. Ex.?

—Quem diz isso?

—Mas diga-me que sede tem V. em comprar e vender escravos?

—Não sabe V. que muitos desses que V. compra e vende são superiores a V. em sentimento? que todos elles são seus eguaes?

—E como negocia V. assim com elles, separando a mãe do filho, o irmão da irmã, a mulher do marido?

—Olhe que os negros tem mais amor aos seus do que certa gente branca que atira em um navio os filhos para fazerem fortuna na *arvore das patacas*.

—A que vem iso?

—Vem para lhe perguntar a razão porque o chamam macassar.

—E' porque sempre fui moço gaiato, e em certo tempo macassar era a pomada da moda da qual eu muito usava.

—Pois me disseram que era seu officio, lá nas margens do Mondego, vender a tal pomada.

—Veja em que fica.

—E' o que V. Ex. quizer, deixe-me.

—Muxingoeiro! esta firma é tua; com calabrotadas por hora!

—Que diabo é aquillo no Coberto Grande?

—E' uma *cabra*.

—Que faz?

—Nada; mas o Adelo dos Cardos da Mesquita que representa uma trindade faz com ella o que não se pode imaginar; brinca, amima-a, aperta-a ao seio, faz-lhe mil carinhos e *cobre-a*, isto é com pannos e manda-a depois embora. Assim *coberta* vae a bixa vender roupa feita.

—Forte asneira! querem agora todos os boccorios que me ande occupando com tolices!



—Sr. alferes, isto não é bonito; V. S. manda-me buscar as laranguihas, e não m'as quer pagar!

E até aquelles quatro *bicos* do cadete que lhe dei para guardar, V. S. pôe no peito!.., isto tem termo?

—Pois quem te acha, *feliz* mino, donde se extrahem tantos prazeres e delicias, tem lá cuidado de pagar o que deve!

—Sr. alferes, por sua bendita cabelleira! por quem é, por S. *Braz*, compadeça-se da gente!

—*Amanan.*

## PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 26 DE MARÇO DE 1864, AS 10 HORAS DA MANHÃ.

### REVISTA SEMANAL.

Tem havido grande animação no mercado.

No commercio de *corrupção* fez-se importantes transacções.

Entrou no dia 16 na barca *Garcez* uma partida de *utopias* que não tem achado compradores.

Chegou uma partida de *immoralidades* para a *Semana Santa*.

De numerario não ha falta no commercio; com a questão *Passos* tem affluído os capitães ao mercado.

Em *roubos* tem se feito muita coisa. A companhia do *olho-vivo* tem sido incausavel. A barca *Felicidade* está carregando uma partida para exportação.

Consta que no brigue *Lacerda* chegára uma partida de *casamentos nulos*, e que fôra desembarcada por *contrabando*. Por ora não transpira.

### MOVIMENTO DO MERCADO.

*Alarmes e Desacatos.*—Vieram bastantes para a procissão dos *Fogareus*. A *policia* d'alfandega deixou-os passar livres de direito.

*Distinções.*—Com o tempo das *corrupções* vieram ao mercado algumas de S. *Pedro*; preferiram-se as *brancas* as *pretas*.

*Desordens.*—Muitas. O registro *policial* tem publicado diariamente entradas e saídas.

*Enredos.*—Bastantes. Quasi todos são comprados para a questão *Passos*.

*Orgias.*—Serão hoje desembarcados di-

versos *enregamentos*. Os consumidores estão ansiosos que chegue o domingo de *Paschoa*.

## A PEDIDO.

Reza-se a um moço de bellos olhos atravessados, guato, esbelto, *candido*, que entrega cartas como correio, morador na rua que quando vento faz *poeira*, pombeiro, o favor de não atropellar com pedradas os telhados da vizinhança, incommodando-a como outr'ora fazia com os dedos nas portas dos habitantes desta cidade quando esmolheiro da religiosa ordem franciscana, com a differença unica de, quando algum devoto rogava-lhe esmola, dizer—S. *Francisco* lhe ajude—o que não succede com a infeliz vizinhança, que quando não annue as pedradas sahe o moço com um estado maior de cacetes insultando a pessoa que se oppoz ao tal brinquedo, talvez por supor que estamos em terra onde ninguém conhece, ou que a vizinhança é algum *saguim*, que toma-se de caretas; pois enganase e si não mudar de brinquedo, recorrer-se-ha a competente auctoridade afim de providenciar para destarte viver em paz.

O vizinho incommodado.

Previne-se a certo pombeiro, que d'isso faz vida, morador na ladeira da *Palma* que deixa-se de incomodar, insultar e fallar por toda parte da vida de seus vizinhos, do contrario será declarada sua *chronica*, que não é das melhores.

O incommodado.

## ANNUNCIO.

Previne-se aos Srs. relojeiros e mais pessoas a quem for offerecido um relógio de prata n. 14100 patente suiso, uma cadeia de ouro e diversos enfeites, que foram roubados pela companhia do *Olho-vivo* hontem Sexta feira da *Paixão*. Bahia 25 de março de 1864.—E. J. Monteiro.

IMP. DE MARQUES, ARISTIDES, & C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 29 DE MARÇO DE 1864.

N.º 40

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de março de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia pedindo-lhe que lance suas vistas para o estado a que se acha reduzida a cidade de Sant'Amato, onde se espanca, e fere a qualquer hora do dia, podendo-se dizer que alli não ha segurança, porque ainda no domingo 20, Luzia de tal, no beco chamado das Ganhadeiras, ia na rua matando outra mulher, e arrancou-lhe quasi todos os dentes, e não consta que até hoje houvesse a menor providencia, andando a offensora impunemente, sendo que depois da retirada do destacamento da tropa que alli existia tem crescido os arruamentos de

portas, desordens e ferimentos, como S. Ex. pode ver dos jornaes diarios da Capital, pelo que é de toda urgencia que S. Ex. zeloso como é pela ordem, mande para alli um destacamento.

— A' camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre os carros de certos figurões que ficam a impedir o transito publico, eternamente em certas ruas, como seja a do Collegio e outras; dando-se o caso de que na Quinta Feira Santa a procissão não as podia livremente percorrer.

— Ao Exm. commandante das armas, perguntando-lhe si é exacto que a musica do esquadrão de cavallaria, na noite de Quinta Feira Santa, tocara recolher na frente do quartel do mesmo esquadrão.

— Ao Rvm. Padre Guardião de

S. Francisco, pedindo explicação sobre o facto de na noite de sabado d'Alleluia, abrir-se a portaria do convento, pelas 11 horas da noite, para entrarem diversas pessoas do sexo feminino, e logo fechar-se a mesma portaria, advertindo-o que para a missa era muito cedo e mesmo S. Rvm. não ignora que essas distincções de portas travessas para dar-se a alquem melhor logar na casa de Deus, são contrarias as regras de humildade de sua ordem e as praxes de nossa Santa Religião.

—A' Direcção da companhia do Queimado, participando lhe, que, segundo me informa o coronel, o guarda do chafariz do Pelourinho se occupa em vender peixe, deixando em abandono seus deveres.

—Aos liquidadores da companhia Predial, perguntando-lhes a razão porque até hoje ainda os accionistas não tiveram noticia do resultado final dos trabalhos da referida commissão sendo certo que em algum tempo se propoz aos mesmos o recebimento de suas entradas na razão de 20 % &. &: outro sim, scientificando-lhes que se acha o publico ancioso pelo desenlace da comedia, e que se faz necessario um circumstanciado relatorio, para fazer calar as tão crescidas e numerosas linguas damninhas.

Portaria ao tirador mor de diabolos, rei dos feticheiros e Sr. d'Granada, para que va a rua do Saboeiro, munido da sua penna

de urubù rei, santo lenho e mais ingredientes, examinar a cabra Adolina, e no caso de estar como dizem, com o diabo no corpo, conduzir com ella para a roça e metel-a em tratamento, não consentindo que venha á cidade, sem estar completamente boa, visto que no estado em que se acha não pode presenciar acto algum religioso, sem tornar-se furiosa como aconteceu por occasião de passar a procissão dos Fogareus.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando lhe que vá a Cruz do Paschoal e em qualquer venda que encontrar um galleguinho a tractar do *Alavama*, pegue-o pelas orelhas, metta-lhe o nariz dentro d'um barril que na venda o mesmo tem, mande o apedrejar pelos moleques e reçoitar pelo muxingueiro, findo o que, tão safado traste se despedirá deste mundo para ir ver morrer baleias, tendo S. m. cuidado de pendurar lhe uma bala ao pescoço.—O que cumpra.

—Quanto é hoje do mez?

—27 de março

—Sr. official, pois Vm. por estar na guarda de palacio, tem o desforo de mandar dar pranchadas no Clarindo!

—Eu não.

—Pois todos não viram! o corneta não negou-se a sua exigencia, Vm. não repetiu a ordem?!

—Capitão, não diga isso a ninguém.

—O commandante das armas ha de ter a participação.

—Manuel, me diga, o Fr. Santa Rosa tem breve? como anda de meia?

—Está doente, capitão.

—Deus o conserve. E V. é zelador? Fica de ufano! manda e desmanda; isso é seu? só porque lhe dão as chaves?

—Fallaremos.

—

—Meu moço, para que chama V. bestas a dous moços que passam pelo Maciel de Baixo? Não vê que um delles é o guarda-marinha? e o outro.... é....?

—Asneiras, capitão.

—Pois olhe que aquellas bestas não se cesaram na mangedoura do velho Passos! Tem entendido?

—

—Capitão, tenho visto boas cousas.

—Vá dizendo-as.

—Um frade devasso que tirou a mulher do poder de seu marido pregando contra as mulheres de capona; outro pregando castidade e o filho adiante de tocha na mão; um maluco Adriano pregando nos Perdões; o tenente Clarindo no Boqueirão; trez seculares sentados sob o respaldo dos padres &c. &c. &c.

—Conte-me esta ultima novidade.

—Oh! isso foi no domingo de Paschoa, Estavam um *grande* e um *pequeno* sentados; chegou o Sr. Carvalho e deitou para fora ao *pequeno*, berrou, gritou, fez o diabo e sentou-se, tendo do outro lado ao mellico pregador, o Adriano.

—Foi nos Perdões, não?

—Que duvida! O tal Carvalho é insupportavel; tem estylos de ganhador; descompoz alli a todos, berrou de novo, gritou a grande, provocou, e insultou acintosamente um moço a quem tinha offerecido uma tocha, só por cahir-lhe um pingo de cera na *casaca*.

E o mais importante foi isto. Adulador em extremo, chegou a tirar uma das *cadeiras* em que se achava o *padre de certi-*

*monias*, caxando-o em pé, só para offerecel-o ao *grande*, que por ter dinheiro ficou emparelhado com os *reverendos*, garboso e ufano da servilidade com que lhe vão certas bestas lamber os pés.

—Olhem que lá para Sant'Antonio tem boas firmas! O Saturno esteve lá?

—Não e foi pena, que é outra importante peça.

—Isso nada adianta; tomou-me V. o tempo, e nada de resultado.

—E' insupportavel o capitão.

Pois lá vae esta.

Um frade, foi do Carmo, ja se sabe, depois de atormentar os ouvidos dos fieis com insupportaveis asneiras pregou um sermão de lagrimas, em que disse perolas. Ao descer porém do pulpito, o Vieira caricato, o portentoso Faublas de escapulario, o ridiculo Cupido coroado—lança-se-lhe aos pés uma moça!

*Obstupui, steteruntque comæ et vox faucibus hæsit.*

Quem era aquella moça que na Sexta-feira da Paixão atirava-se assim aos pés d'um frade?

Quem era?

O povo apinhou-se em derredor, sabe bem quem era ella. Era a filha do padre devasso e hypocrita que lhe ia pedir perdão; era a filha do ministro de Christo que depois de pregar as palavras do Evangelho, charidade e perdão, dizia, que não conhecia os seus, repudiava-a, renejava-a publicamente, não grado as supplicas d'as mulheres de capona, a quem do pulpito elles tanto injuriam, não obstante a pathetica e tocante scena que se acabava de representar e da qual fora elle o protagonista, desinvolvendo aos olhos do publico o sancto Sudario.

—Que coração de feral!

E não o pega em no Sabbado d'Alleluia? que boa preza!



Esta Latronopolis só com o fim do So-  
dona! só em fogo!

— Estes frades do Carmo só de jantem!

— 11111111111111111111 —

## LA VAE VERSO.

Senhor arcebispo  
Meu santo varão,  
Ao que vou contar  
Preste-me attenção.

Houve um barulho  
La na cathedral;  
Brigaram tres musicos  
E mais um fiscal.

Foi o Nascimento,  
Mais o Nicolau  
Q'no côro quasi  
Jogavam o pau.

Reprovo taes actes  
Como bom christão,  
Que desacreditam  
A religião.

Tudo quanto foi  
Palavra obscena  
No templo sagrado  
Pozeram em scenas.

Isto depõe muito  
Meu santo prelado,  
Da religião  
Do Crucificado.

---

## A PEDIDO.

---

Quem tem hortas não deve couves, digo  
quem tem hortas deve couves. Vejam o se-  
guinte;

Sr. allegador que tem treze contos de  
réis na Caixa, e que toda hora empresta  
tantos e quantos, porque deixou de passar  
naquella rua? Eim patife?!... E por causa  
daquelle diminuta quantia que deve ao Sr.  
Serafim?

Pois va pagar, meu Agostoso Manuel do  
Carmelo, antes que lhe declare o nome,  
meu descarado boccorio.

— 11111111111111111111 —

## Que projecto gracioso!..

Pergunta-se ao Sr. Faustino, alféate,  
morador na freguezia da Sé, jornal de *to-  
das as cousas*, um dos primeiros lioga-  
rados (quero dizer que é um homem affi-  
minado que nada falla...) a razão porque  
em sua residência ajunta immensidade de  
rapazes?!... Será o pacau que com a saída  
dos *nove* ha tantos gritos?!..

Não, senhor. É porque toca a cada um  
fazer piguá, e eu deixo de comprar comi-  
da; e porque tambem eu tenho o prazer  
delles divertirem a minha dona Maria rica  
da Preguiça ou corcunda de canastra.

Ah! então tens rasão.

Os outros não querem homens em casa,  
e Vm, entretanto tem satisfação nisso. Gen-  
tes são gostos.

Viva triste quem não tem!

Feliz é quem Deos quer bem.



A certo moço que mija da janella para  
a rua, pede-se o favor de não continuar na  
graça, pois quem passa pela rua do Colle-  
gio não fez tracto de respirar tão odoroso  
ambar, nem de tomar tão salutaes banhos.

O Pestana

---

## ANNUNCIO.

---

O in-pector do quarteirão 27  
da freguezia de Santo Antonio, foi  
a seu pedido demittido.

*Manuel Antonio Epifanio.*

---

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, & C.  
Rua da Misericordia n.º 17.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.<sup>a</sup>

BAHIA 31 DE MARÇO DE 1864.

N.º 41

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 100 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 29 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr delegado, pedindo-lhe providencias contra uma celebre Dominguinhas e um conhecido Silvestre, moradores ao beco do Viva Jesus, a primeira dos quaes recebeu de uma pobre africana Constança a quantia de 50\$ rs. para tratar de uma licença de caixinha, e mais os seguintes objectos:

Quatro voltas de cordão de ouro, com o pezo de 29 oitavas, uma cruz de dito com 20 ditas, 2 pulseiras de dito no valor de 65\$, 1 dita dit. no valor de 25\$, outra dita de chapa dito no valor de 45\$, um anel no valor de 8\$, outro dito no valor de 5\$.

Os quaes objectos foram entregues ao segundo que os empenhou, vendeu ou ignora-se que diabo fez, pois que delles não se dá conta á sua dona.

O que vê S.S. que é um furto, talvez roubo, cuja punição compete-lhe tornar effectiva, visto que a queixa dará breve a prejudicada.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro, perguntando-lhe que providencias deu á respeito de uma africana escrava de um barbeiro que tem tenda ao Cabeça de nome Manuel, que na ladeira do Coqueiro entrou em uma casa e esboleteou uma senhora, e que fôra presa a ordem de S. S.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio, e conduza á minha presença duas irmãs de

nome Maria o Estigenia, as quaes vivem só y janella a insultar aos que passam, a procurar defeitos, a escarnecer e provocar desordens. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua Direita do Collegio á uua loja de sapatos, e intimo a seu dono que respeite a moralidade publica, deixando de fazer de uma casa de couros cortiço d'abelhas com as brêadas deidades de turbante que alli admite, sob pena de declarar-se-lhe o nome. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á ladeira do Carmo, procure ao sapateiro Martinho, e indague do mesmo si é verdade que costuma franquear a sua casa a negros captivos, mulheres perdidas, e toda casta de gente inclusive certo procurador negociante de baleias, para exercicios de feitiçarias e candomblés como me informam, mediante uma paga, o que a ser exacto, deverá Vm. conduzi-lo ao subdelegado da freguezia para proceder como for conveniente. O que cumpra.



—Bem dizia V. Ex. que ha muito renegaram os padres a charidade?

—Então que houve? Alguma novidade do vigario de Santo Antonio?

—Não; nem venho lhe fallar de cousinhas ridiculas; pedidos de dez tostões etc., etc. Venho contar-lhe, capitão, o que se segue:

Um certo vigario d'uma das freguezias do suburbio, foi chamado a confessar uma mulher inferna, pelo que exigiu 28.000 rs.

que lhe foram dados por um italiano; mas chegando á casa acharam a mulher morta. Então pedindo o italiano que o vigario a incommendasse, este negou-se, dizendo que tinha vindo para confessar e não para incommendar, salvo si novo cobre lhe pagassem e retirou-se. E tendo de ser sepultado o corpo na capella de Nossa Senhora em Escada, e não havendo sepultura aberta foi pelo vigario respondido que se havia quebrado a enchada; pelo que os convidados cavaram a unhas e pá, a terra e sepultaram o corpo.

—Isto é incrível! nem tanto....

—Incrível! pois este vigario já teve uma porção de dias um homem comido dos urubús no fundo de sua roça e não mandou-o interrar!....

—Quem é elle? eim, Sr? Quem lhe contou isto? eim, moço?

—Ai, meu nunca esquecido Pirajá! saudosos campos por onde tanta vez passeia minha imaginação escandecida, em cujas lembranças tanta vez se deleita minha amargurada alma, em cujo nome tanta vez.....

—Está louco, amigo?

—Capitão, lembrei-me disto, porque o homem é liberal, e Pirajá é....

—Ah! sim, tem razão... é o baluarte da liberdade.....

Adeus.

—Ouça mais esta capitão.

Esse vigario tomou emprestado a um sujeito um burro a quem este chamava Caroba. Quando foi elle buscá-lo, disse-lhe o vigario que tinha morrido. Passando depois pelo Campo Grande conheceu o seu burro em uma caza. Indagando como tinha sido aquelle milagre, soube que o vigario o tinha trocado por um cavallo.

—E' impossivel. Não creias que um ministro do Senhor seja tão degenerado.

—Que vens fazer aqui?

—Capitão iô vem fazê queixa; sou tro dia iô dizê qui nan falla mai de xinhá Ferruge, mai iô nan pode tà carado.

—Então que mais te fez elle?

Ah xinhá capitão, esse nan tà bon, tà munto feio, *sogra* qui vai sê di xinhá Ferruge tá descompono turo, ninguem porre vivê cum esse *cigano*, tà gritano, tà fallano, tà dizeno diabo di visinhança, ah me Deu! anani turo fica sem tê qui vesti.

—Acabas ou não de fallar?

—Quem nan tem mai vregonha, nan pressa pra nada, agora memo que xinhá Ferruge nan tá hi ni cidade, a namorada di ere tà cum diabo ni cropa, tà fazeno cousa qui nan tá denreto, turo dia esse menino sae sosinha ni rua, mãi di ere nan simprota, ere vai ni Brabalho, iô nan sabe que vai faze, mai nan ta cousa bom, iô vai i daga qui é; ah xinhá capitão iô vede promode Deu, qui vonecellencia vâ ni ensa di ere memo pedi, qui nan faze mai esse vregonheira.

—Está bom, eu amanhã mandarei Mane Bahia accommodar esta gente.

Tá denreto, capitão, io tem munta pena pruque xinhá frosinha ta um muratinho bonitinho, iô gussa munto di ere, io vai roga a Nansenhô pra dá juizo a ere pra nan faze mai esse procaria.

—Quem és, e que queres?

—Bença xinhá blanco.

Iô repara um couvessa, e viu que oguncê tá nin ganamento. Esse moça de runeta nan fruta sobrinha de só, nem sitrella nim um. Ah! ah! anani já mi dizeu vredade; elle ta fazê sociamento cum xinhá só... predoa, capitão... iô tá repellido, iô tá cum medo munto.

—Agora é tarde; si não' continuas, taç está ahí.

—Ta bom; si ha de more eu, more mi nha pae qui é mai véio.

Esse sibô de runeta, blanco dicarado, morinheiro buro, garego de diabo, fruta sinteiada de Miranda, e fazê diabrura, bota moça a predêr, joga ni rua, nan leva mai rapariga ni conta, e tà ni xingamento cum parente di ere.

—E como se chama o sujeito da luneta?

—Capitão, péra; iô qué canta, capitão toca.

—Deveras? que instrumento quer?

—Sipiano, capitão.

—Negro retira-te. *Cypriano* è elle mesmo.

—Oia capitão....

—Muxingueiro!

—Bença, siô; io tá ni orde de ossuncê, iô mora ni czinha di rua de fromusura.

—Muxingueiro!

—Iô já tá longe, dotô!

—A's ordeus de V. Ex. Sr. capitão do Alabama

—Criado da Sra. D. Felismina. O que a traz por aqui?

—Venho queixar-me a V. Ex. do Pedro Uruga, que hontem foi a minha casa, e sem nada lá deixar, levou-me dez tustões que estavam em cima da meza.

—E o que quer a Sra. que lhe faça?

—Que V. Ex. o chame á ordem.

—Mais ainda ha poucos dias, não blaterou a Sra. tanto contra mim, por causa daquelle alferes das laranginhas, tendo a Sra. sido a propria que se queixou delle?

—Mas V. Ex. me deitar de capona, Sr. capitão!... De capona! uma cousa tão feia!

—Está bem, senhora, por isso não brigaremos, para outra vez sabirá de balão.

Quanto ao Pedro Uruga, esse é incorrigível.

—Aí, aí, aí!

—Que é isto, moço?

—São aquelles dous furiosos cães que

sabiam alli da casa do Sr. Estevão Vaz, e que a não seem estes gritos, mo atassalhavam o corpo.

—E' ter paciencia, Sr. Vioga, em quanto se espera pelas providencias da policia e da camara.

—Não sei de que seve haver uma postura contra cães, estando as ruas tão cheias delles que faz medo.

—Isto é o menos; quanto mais si o senhor soubesse que até ha patrulhas que trazem seu cadello!...

—E até alguns fiscaes, capitão.

—E' para ver.

Ja tenho pedido providencias, mas por ora nada; esperemos porem que o mal terá remedio.

## A PEDIDO.

Chama-se a attenção do Sr subdelegado da Sé para o escandaloso que se dá diariamente no quintal do Collegio, onde se reúnem immensos vadios, reus de policia e escravos, e onde ha constantemente jogatina e quanta immoralidade ha, privando assim as familias, de chegarem à janela. Ainda ha poucos dias, houve uma desordem por jogo de que sahio um bastante ferido. Costumam passar pelo quintal da casa do Sr. Dr. Luiz Maria e outras da vizinhança e são todos moradores dalli mesmo. O inspector sabe disto, e os conhece a todos, mais talvez não queira metter a justiça em casa.

*Um visinho.*

Pergunta-se ao Sr. commandante da fortaleza do Mont-Serrat si o africano Roberto empregado no serviço d'essa fortaleza tem autorisação de S. S. para andar á qualquer hora do dia e da

noite pela rua provocando desordens e envolvido em *candomblés*, sendo sua morada em casa de um sapateiro á ladeira do Carmo, onde vive dando ventura.

*O Curioso.*

## Attenção.

A Francisco Vicira morador no Mutá, Tendo se me dito que V. Ex. queria prender-me, e eu como tenho familia para dar cumprimento, peço a V. Ex. que não me faça este mal, e queira fechar os olhos a este criminoso; não querendo porém attender a este meu pedido acho bom cumprir os seus intentos.

Disseram que V. Ex. disse que eu era devedor de cinquenta mil réis ao Sr. Telles e que esta a razão de minha prisão. Então será favor V. Ex. responder, si está o Telles pago, ou não para com a resposta eu da-lhe a explicação pois está me parecendo que do seu dictionario falta a maior parte das folhas!...

De V. Ex.

*José Macario d'Oliveira.*

## ANNUNCIO.

**200 000**

De gratificação se dão a quem achar e entregar a seu dono uma pulseira de ouro e esmalte azul, cravada de pedras, que foi perdida na noite de Quinta-feira Santa na igreja do covento de S. Francisco ou na Ordem Terceira, ou no transito d'alli até aquina da rua do Bispo na rua Direita do Collegio. Pode ser entregue no largo da Piedade, casa que faz quina com a rua da Forca ou na rua direita do Commercio casa n. 36 l. andar por cima da sobre loja.

